

A DEFESA NACIONAL

REVISTA DE ASSUNTOS MILITARES

DIRETOR - PRESIDENTE: Heitor Augusto Borges

SECRETARIO: Floriano de Lima Brayner

GERENTE: Armando Batista Gonçalves

Ano XXVI

Brasil - Rio de Janeiro, Novembro de 1939

N.º 306

S U M Á R I O

SECÇÃO DE INFANTARIA

| | Pag. |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------|------|
| A substituição de uma unidade no curso de uma operação defensiva (Notas do Curso de Infantaria da E.A.) | 1111 |
| Estudo do "Fuzil Metralhador Thompson" — 1.º Ten. AJAX MENDES CORRÊA | 1130 |

SECÇÃO DE ARTILHARIA

| | |
|---------------------------------------------------------------------------|------|
| A manobra de um grupo de 155 G. P. F. — Cel. de Art. F. LE NOTRE | 1143 |
|---------------------------------------------------------------------------|------|

SECÇÃO DE CAVALARIA

| | |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------|------|
| Um estudo sobre o Destacamento de Descoberta Moto-Mecanizado — Pelo Cap. PAULO ENÉAS F. DA SILVA | 1157 |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------|------|

SECÇÃO DE ENGENHARIA

| | |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------|------|
| A Engenharia de Corpo de Exército na marcha ao inimigo — Trad. do Ten-Cel. A. J. PAMPHIRO | 1173 |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------|------|

NOTICIARIO E VARIEDADES

| | |
|-------------------------------------------------------------------------------------|------|
| Formação e evolução politica das monarquias modernas — Cap. NELSON SAMPAIO | 1188 |
|-------------------------------------------------------------------------------------|------|

SECÇÃO DE ESTUDOS GERAIS

Educação e Segurança Nacional — Conferencia proferida
na E. E. M. — Pelo Prof. LOURENÇO FILHO —
Diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos

Pag.

1204

A SUBSTITUIÇÃO DE UMA UNIDADE NO CURSO DE UMA OPERAÇÃO DEFENSIVA

(NOTAS DO CURSO DE INFANTARIA DA E. A.)

I — GENERALIDADES.

A substituição como a propria designação indica, é uma operação cujo objetivo visa substituir determinada unidade em 1.^a linha, por outra de valor equivalente ou mais forte trazida da retaguarda.

Ela pôde ser motivada por uma questão de emprego tático de arma, por motivo de fadiga ou esgotamento do valor combativo da tropa a substituir, consequencia de perdas sofridas, moral abatido, etc.

Nossa doutrina de guerra prescreve que “em principio toda unidade engajada deve proseguir no seu esforço até o limite extremo de sua capacidade combativa, de cujo valor somente o comando superior é juiz classificado para avaliar”.

Somente ao comando, senhor absoluto da situação e do quadro geral dos acontecimentos em curso e das condições particulares de determinada unidade e das disponibilidades em reserva, é permitido decidir da oportunidade da substituição visando levar á frente, em lugar de tal tropa esgotada, outra, capaz de proseguir no esforço desejado.

Esta operação nada mais é do que um dos aspectos com que se nos apresenta a sucção constante de tropas frescas, a corrente continua dos efetivos da retaguarda para frente para serem gastas nas primeiras linhas. Não nos iludamos — é o duro tributo da gloriosa Infantaria.

No periodo da ofensiva ela se processa sob a forma de passagem de escalão ou de substituição propriamente dita. Na defensiva, somente sob o ultimo aspecto.

Na primeiro caso, na fase inicial da tomada de contacto, muitas vezes a Infantaria ultrapassa ou substitue apenas as facções de Cav. que chegaram ao contacto do contorno aparente da posição inimiga. E' um aspeto interessante cujo estudo terá a sua reali-

zação oportuna. Em pleno curso de combate ofensivo substitue-se ou se ultrapassa uma unidade engajada sempre que as circunstancias o aconselharem ou exigirem mesmo. Tambem aqui aguardaremos a oportunidade para focalizar o caso. Constituirá objetivo principal da presente sessão — a substituição na defensiva — sobre o qual faremos o esforço principal congregando o maximo de esforços — frente estreita muita profundidade nos principios e nas ideias.

Antes de penetrarmos a fundo no assunto convém salientar uma ideia basica — a substituição é uma operação simples porém delicada. Ela crea sempre um periodo crítico um momento nevrálgico, tal seja a mudança de comando, a substituição da tropa por elementos ainda desconhecedores da situação por vezes desarticulados do terreno, desatividades do inimigo, do regimen de vida, etc. Si se trata de um setor onde ha contacto ativo a cousa ainda se complica mais pois á fase da substituição sobresaem o periodo da adaptação da tropa nova e o acionamento de todos os elementos afim de que toda a máquina remontada funcionasse de novo a contento.

Tal estado de cousas bem aproveitado por um inimigo ativo que saiba bem explora-lo, pôde dar margem a desastres comprometedores — para evitar tal fracasso o remedio está na montagem perfeita da operação com todos os cuidados e com muito metodo.

Mais uma vez a boa lógica da sabedoria popular se manifesta — o segredo é a alma do negocio — aqui, mais que em qualquer situação, o sigilo é condição "sine qua" para o sucesso do empreendimento. Todos os cuidados, todas as precauções, a maxima disciplina devem ser observadas, afim de que o menor indicio não venha perturbar a marcha da execução.

II — PRINCIPIOS GERAIS DE SUBSTITUIÇÃO NA DEFENSIVA

a) — Em regra a operação será sempre realizada á noite beneficiando-se da obscuridade.

Sua realização de dia sómente pode ser encarada em setores calmos e isso mesmo utilizando toda a rede de comunicações cobertas, conforme o seu estado de praticabilidade.

b) — Ha sempre vantagens em manter a continuidade da corrente da retaguarda da frente fazendo substituir cada elemento por outro que tenha estado imediatamente á retaguarda. Exem-

plo: — Substituir os P. A. por tropa que tenha estado na P. R. e estas por tropas das reservas.

c) — Aos reconhecimentos deve ser consagrado todo o tempo julgado necessario para que os quadros penetrem profundamente nos detalhes da situação e se enfronhem em todas as minucias. Mesmo nos casos de premencia eles são indispensaveis; poderão ser abreviados, mas nunca suprimidos.

d) — Os deslocamentos para a aproximação e o recuo devem ser organizados pela autoridade logo acima, que dirija o sub-setor ou setor deixando aos executantes — comandos substitutos e a substituir — a margem para os entendimentos necessarios de detalhe.

e) — Em principio a substituição se faz da retaguarda para a frente começando pelas reservas e elementos recuados, por uma questão de segurança, de técnica de comando e, mesmo de psicologia.

f) — Quem dirige a execução da substituição e tem a responsabilidade de comando durante a sua realização, sobretudo em caso de ataque inimigo, é o comando a ser substituído. Sómente ele, no momento, está ao par da situação, dos detalhes do cumprimento da missão, das eventualidades que se podem dar, etc.

g) — Da tropa a substituir numerosos elementos dos quadros de oficiais e, mesmo, algumas vezes, até graduados, devem permanecer na posição até o maximo de 24 horas para informar á tropa substituta, facilitar a sua ambientação e orienta-la em questões de detalhes, facilitando o cumprimento da missão.

h) — Si a substituição se faz á noite, os serventes imediatos das armas automaticas, atiradores, fuzileiros, etc., permanecem na posição até o clarear do dia, quando serão evacuados indo se juntar á sua unidade. A razão é simples: só eles estão ao par dos preparativos para o tiro á noite e conhecem o aspecto do setor de tiro nos minimos detalhes.

i) — Enquanto que na ofensiva, qualquer que seja a forma de substituição o dispositivo da tropa que vai substituir póde diferir do da tropa a ser substituida, dependendo, para isso, da idéia de manobra do comando substituto, aqui na defensiva, a substituição deverá ser feita "in loco", elemento por elemento sem a minima alteração. Qualquer modificação variante ou disposição só poderá ser realizada mais tarde em periodo ulterior á substitui-

ção, após o novo comando ter a seu cargo inteira responsabilidade da direção.

E se uma prescrição regulamentar importante que deve ser observada a rigor.

Todos os princípios acima terão a sua justificativa posta em cheque oportunamente, mais adiante, por ocasião do estudo do caso concreto demonstrativo.

j) — Finalmente, todo o material instalado sobre tudo o de transmissões, em funcionamento e as munições em depósito junto aos postos de combates e nas P. R. ou L. R. devem ser deixados nas posições passando á carga da unidade que chega que os indenizará oportunamente.

III — RECONHECIMENTOS

Constituem eles a fase prévia de operação, a pedra de toque, o verdadeiro alicerce sobre o qual vai repousar o edificio. Das condições de sua execução e dos dados que irão fornecer aos quadros, depende o exito do empreendimento.

Demandam um tempo apreciavel para que os quadros possam convenientemente colocar-se ao par da situação. Entre o recebimento da ordem e a execução deve medeiar nada menos de 24 horas para que as cousas se passem com regularidade. Na peor hipotese uma jornada diaria para que todas as necessidades sejam satisfeitas.

Quando a situação e as circunstancias o permitem até de ante-vespera, duas jornadas antes, por conseguinte tem inicio a sua realização.

Na peor hipotese a decomposição do trabalho pôde ser feita nas seguintes condições:

Noite de D — 1/D — Avanço da unidade substituta.

Madrugada de D — Avanço dos reconhecimentos.

Dia D — Execução pormenorizada dos reconhecimentos. — Montagem da substituição.

Noite D/D + 1 — Ultimo lanço da tropa que chega. Execução da substituição. Recuo da unidade substituida.

— Da importancia e do vulto dos reconhecimentos e dos resultados ainda incompletos que eles fornecem, apesar de feitos com método e bastante antecedencia, diz bem a necessidade da per-

ancencia de oficiais e graduados da unidade evacuada, na posição im de ,durante umas 24, completarem os esclarecimentos e orientem apenas como consultorios a cumprimento da missão — tal to originou o principio exposto sob a letra "g".

Para a tropa substituta os seguintes dados devem constituir objeto dos reconhecimentos precisos:

a) — Informações sobre o inimigo:

- Sua ordem de trabalho logo á frente do Btl.
- Sua atitude — Indícios de ataque proximo.
- Orgãos de fogo já revelados.
- Tiros sistematicos de Art. e Mtrs. Direção — calibre e natureza — Zonas batidas e zonas infetadas de gazes. — Direções importantes a vigiar.

b) — Informações precisas sobre o terreno — Maneira pela qual é utilizado pelo inimigo e pela tropa a substituir.

Sob o ponto de vista inimigo ele é feito á frente e no interior posição como se tratasse de instalar defensivamente uma tropa, m a circunstancia de não podermos ir á frente, apenas utilizando observatorios e postos já instalados na posição pela tropa que i sair.

c) — tropas amigas — Elementos á frente em P. A. (Se não uver ainda contacto com a P. R.).

- Elementos enquadrantes — Missões ,ligações e alguns detalhes.
- Meios suplementares disponiveis ou outros apoios eventuais.

d) — Tropas propriamente a substituir:

- Plano de defesa ou roteiro completo (conforme o escalão).
- Ideia de manobra do chefe a substituir.
- Plano de fogo.
- Dispositivo — Repartição dos meios de fogo.
- Missões das unidades subordinadas.
- Informações sobre a vigilancia e a observação.
- Colocação das reservas.
- Conduta geral e particular para certos elementos, em caso de ataque.

- C/ataques previstos e seus detalhes.
- Informações sobre as ligações e transmissões.
- Idem sobre as ligações e transmissões.
- Idem sobre remuniciamento, stock a permanecer; S . S., reabastecimento, etc..
- Localização dos T.C.1 e T.C.2.
- Comunicações.

Sob o ponto de vista Btl. é admissível a seguinte composição dos elementos de reconhecimento.

Btl. — Cmt. Btl., Ajudante e Oficial de Informações, um médico e 2.º sgt. das Informações, todo o pessoal de observação, 2 estafetas e o sgt. ajudante.

C. M. B. — Cmt. o maior numero possível de Cmts. Sec., na falta de alguém o respectivo sgt. ajudante, o 2.º sgt. Cmt. do Gr. de Cmdo., 5 agentes de transmissão e 5 balisadores (tirados das proprias secções), 1 cabo e 1 soldado observadores, 2 estafetas e o sgt. furriel.

CIA. F. Z. — Cmt. — 2 Cmts. Pel., o sgt. auxiliar do Pel. restante, o 2.º sgt. cmt., 3 agentes de transmissão e 3 balisadores (tirados dos Pels.), o cabo e um soldado observador e o 3.º sgt. furriel.

A regra é que a grande maioria dos quadros de oficiais deverá ir ao reconhecimento. Ficarão com o Btl" apenas os que forem extrictamente indispensáveis para enquadrar o serviço diario e para preparar o novo lanço, á noite, até as proximidades da região ocupada onde será realizada a substituição. Ha mais interesse lá do que na permanencia junto á tropa.

Geralmente o Cap. que comanda a Cia. designada de antemão para ficar em reserva, toma a direção momentanea do Btl., e é encarregado de organizar o novo lanço, balisar os itinerarios, etc., seguindo indicações que o proprio Major lhes fornecerá durante a jornada.

No estado atual das cousas já evoluiu de muito a composição dos reconhecimentos.

E'poca houve em que as indicações acima seriam consideradas superfluas e demasiadas.

Em pleno Curso da E. A. O., no ano de 1923, uma composição ligeiramente mais reduzida foi inclemente e chistosamente taxada de "um verdadeiro carnaval".

As ideias modernas — exatamente as antigas, com roupas novas — aconselha-me esta composição, com as seguintes justificativas:

Quadros de oficiais e respectivas ordenanças — Desnecessaria a justificação.

Pessoal de observação — Para que possam com uma jornada de antecedencia ir se familiarizando com a situação, se ambientando e conhecendo o novo quartirão. — Com a chegada na noite de D/D+1 para poder ver alguma cousa.

Agentes de transmissão, estafetas e balisadores — Indispensáveis para completar com elementos da unidade que chega as equipes de guias a fornecer pela unidade a substituir.

Sgt. Ajudante, furrieis — Elemento representante dos T. C. para o devido reconhecimento dos depositos, postos de saúde e de remuniciamento, etc., etc..

Feito o estudo acima sobre a composição dos reconhecimentos, resta saber como será feito o deslocamento desta gente toda para a frente.

Em uma palavra ,cuidemos em responder ao velho questionario muito nosso conhecido: — para onde ir, por onde ir, como e quando ir.

— Para onde ir ?

A resposta a esta pergunta comporta um esclarecimento previo. O Cmt. do Btl. que vem substituir em um primeiro contacto com o Cmt. do Btl. a ser substituido assenta o dispositivo a adotar no quartirão, exatamente, como vimos, o dispositivo deste ultimo. Esta primeira decisão já trará como consequencia indicações sobre a maneira de avançar o Btl., e ainda mais esclarecerá e orientará a questão dos reconhecimentos.

Admitamos assim que tenha sido assentado que as Cias. A e B. irão para a L.P.R. e a Cia. C. fique em reserva na L.D. — Pois bem, os reconhecimentos, ao serem impulsionados para a frente visarão os locais convenientes de acordo com a decisão.

O ponto a atingir e a região onde a Cia. terá de substituir a ontra do Btl. que está em linha.

— Mas como chegar lá?

Torna-se necessario então guiar, orientar os Caps. e os seus pequenos seguitos ao ponto desejado.

Quem fornecerá estes guias? Naturalmente a unidade em linha cujos elementos conhecem perfeitamente a situação em detalhes.

Ainda aqui, no primeiro entendimento entre os dois Cmts. de Btl. ficarão assentados os pontos onde os reconhecimentos irão ao encontro dos guias designados.

Muitas vezes a situação ou a premencia não permitem tal solução. Neste caso, na hipotese mais desfavorável os reconhecimentos irão ter ás vizinhanças do P. C. do Btl. a substituir, de onde elementos do Gr. Cmdo. deste, ou mesmo de suas sub-unidades os levarão aos sub-quarteirões.

Por onde ir ?

Ainda do estudo da carta, do reconhecimento proprio se poude faze-lo na jornada de D-1 e dar informações sobre regras de circulação, comunicações, etc. a colher no P. C. do Btl. em linha, deverá o Major concluir a escolha dos itinerarios a seguir dos reconhecimentos.

Convém lembrar que certos pontos especialmente batidos pela Art. inimiga, ou zonas infetadas de gases, deverão ser contados. — Mas isto tudo o Maj. só saberá pelo Cmt. do Btl. em linha.

Como ir ?

Naturalmente de acôrdo com as circunstancias.

Si se trata de deslocamento de dia, maximo cuidado com as vistas aereas e terrestres. Ao contrario, á noite, maximo silencio e disciplina.

Quando ir ?

A melhor hora é á noite, na segunda parte, isto é, de madrugada. Os elementos chegarão lá ao clarear do dia e terão toda a jornada de D para o serviço.

A questão de hora de partida dos estacionamento será regulada pela hora marcada para o encontro dos guias, pelo percurso a vencer do estacionamento até lá e pelas condições em que vae ser feito o deslocamento, de dia ou de noite.

Ordem a dar para os reconhecimentos — Após o primeiro contacto dos dois Cmts. Btl. no P. C. do que está em linha, pede o nosso Maj. assentar algumas decisões as quais poderão dar origem á ordem para os reconhecimentos na qual uma primeira informação será prestada ao Btl.

Por sua vez o Btl. em linha deverá ser informado de que vae se passar e suas sub-unidades orientadas sobre os guias a fornecer e as condições de deslocamento. Esta informação visa ainda levantar o moral da tropa em linha de modo a apresenta-la nas melhores condições de animo á tropa nova e sobre tudo, conforme o caso, para estimular o sabor combativo e o ardor na resistência até o momento oportuno.

Para maior esclarecimento convém salientar que todo este acionamento é fundado em uma ordem preparatoria superior do R.I. ou D.I. na qual os dados essenciaes serão mencionados.

A' guiza de memento poderíamos tomar as seguintes indicações.

I.D. P.C. em..... D — 1 ás
R.I.

ORDEM PREPARATORIA " AOS..... BTLs. X e Y

(Substituição do Y Btl.)

- I — Informações sobre a substituição.
- II — Destalhes de dia e hora.
- III — Condições de execução dos reconhecimentos.
- IV — Indicações sobre o movimento do Btl. que vai substituir.
- V — Detalhes sobre a orientação dos reconhecimentos pelo Btl. em linha.

Destinatarios:

Cmt. I. D. como informação.

Cmts. Btl. substituto e a substituir — Para execução.

Após o 1.º contacto com os 2 Cmts. Btl. poderá o novo Maj. dar uma ordem vasada nos seguintes termos:

I.D. P.C. em.... D—1 ás....horas (1.ª parte ou inicio
R.I. da 2.ª parte da noite; neste caso D).
Btl.

ORDEM PARTICULAR N.º.....

(Para os reconhecimentos na jornada D)

- I — Informações gerais sobre a substituição.
- II — Decisões gerais sobre o dispositivo a adotar.
- III — Condições de execução dos reconhecimentos.

| Unidade ou sub-unidade | Composição | Itinerario | Hora de partida do Destacamento | Ponto e hora de reunião com os guias | Obs. |
|-------------------------------------------------|------------|------------|---------------------------------|--------------------------------------|------|
| Btl. C. M. B. 1a., 2a. e 3a. Cias. Fz. | | | | Poderá ser o P. C. do Btl. em linha | |

IV — Conduta na jornada de D. Permanencia.

V — Preparo do avanço do Btl. — Primeiras indicações ao Cmt. da Cia. que fica com o Btl.

Maj. X.

Destinatarios:

R.I. — Como informação.

Btl. a substituir e sub-unidades — Como informação.

Mais elementos do Btl. — Para execução.

Por sua vez o Cmt. do Btl. em linha poderia dar sua ordem nestes termos:

I.D. P. C. em D—1 ás.....
R.I.
Btl.

ORDEM PARTICULAR N.º.....

(Substituição do Btl.)

- I — Informações sobre a substituição.
 II — Informação sobre o dispositivo que o novo Btl. vai adotar.
 III — Como vão ser feitos os reconhecimentos.
 IV — Condições de orientação dos reconhecimentos — ou os guias vão ao P. C. do Btl. ou então obedecerão ao seguinte quadro:

| Sub-unidade que fornecerá o guia | Sub-unidade a que pertence o reconhecimento | Guia | Ponto e hora de encontro | Itinerário a seguir pelo Reconhecimento | Obs. |
|----------------------------------------------|---------------------------------------------|------------|--------------------------|-----------------------------------------|------|
| 1a. Cia. 2a. Cia. 3a. Cia. C. M. C. | 6a. Cia. 5a. Cia. | 1 por Sec. | | | |

- V — Preparativos e medidas preliminares para a substituição.

Y
Cmt. Btl.

Destinatarios:

R.I. — Como informação.
 Btl. Substituto — Como informação.

Sub-unidades e mais elementos do Btl. — Para execução..

(Ver esquema I)

CONTACTO DOS DIFERENTES ESCALÕES DE COMANDO

Cmts. Btl.

O Cmt. do Btl. que chega precisa:

- a) Receber do Cmt. do Btl. em linha o plano de defesa.
 b) Inteirar-se da situação e atitude do inimigo.

- c) Estudar as eventualidades que se podem produzir.
- d) Estudar pormenorizadamente o terreno e a maneira pela qual ele está sendo utilizado.
- e) Inteirar-se da ideia de manobra do seu antecessor.
- f) Inteirar-se das missões dadas às Cias. Fz. e C.M.B.
- g) Inteirar-se do plano de fogos e respectivos sinais.
- h) Inteirar-se dos c| ataques preparados.
- i) Direções a vigiar e plano de observações.
- j) Ligações e transmissões.
- k) Munições e reabastecimentos.
- l) O que vae ficar de material e munições.

Em seguida assentam os detalhes da substituição:

- a) Como se dará a substituição das Cias.; por onde começará; designação das Cias.
- b) Aonde e como vai chegar o Btl. — Ponto de 1.º destino. — Como chegará.
- c) Itinerarios; pontos a evitar.
- d) Guias do ponto de 1.º destino para a frente.
- e) Detalhes da evacuação.
- f) Quem deve ficar na posição.

Cmts. C. M. B.

- a) Receber o roteiro de defesa completa da C.M.B. a substituir.
- b) Reconhecer as posições ocupadas por todas as Secções.
- c) Idem das posições previstas e preparadas mais á frente ou retaguarda.
- d) Examinar as missões dadas às Secções.
- e) Estudar pormenorizadamente o plano de fogo.
- f) Estudar pormenorizadamente o plano de apoio aos c| ataques.
- g) Examinar a observação, as ligações e as transmissões.
- h) Inteirar-se das condições em que se faz o remuniciamento e o estado das munições.

Enfim combinam as questões de detalhes relativas á substituição:

- a) Como será feita; qual a designação das Secções:

- b) Aonde virão ter as Secções e quais os guias para conduzi-las á frente.
- c) Quem deve ficar na posição em materia de officiais, graduados e serventes.

Cmts. Cia. Fz.:

- a) Receber do Cmt. a substituir o roteiro de defesa completa.
- b) Inteirar-se da actividade do inimigo logo á frente.
- c) Estudar o terreno e maneira pela qual está sendo utilizado.
- d) Estudar as decisões tomadas pelo Cap. que ocupará o ponto de apoio.
- e) Colocar-se ao par das missões dadas aos Pels. e ao plano de fogos.
- f) Idem do c) ataque immediato previsto.
- g) Idem das ligações, das transmissões e da observação.

Assentam os detalhes da substituição:

- a) Aonde e como chegará a Cia.
- b) Como se fará a substituição — Designação dos Pels.
- c) Encontro com os guias — Avanço.
- d) Condições em que será feita a substituição.
- e) Quem deve ficar na posição e fogos.

Cmts. Pel.

- a) Receber os roteiros de defesa do Cmt. Pel a substituir.
- b) Estudar a actividade do inimigo á frente.
- c) Estudar o terreno.
- d) Estudar o plano de fogo da Cia. e do Pel. a substituir.
- e) Estudo da observação e das ligações.
- f) Estudo do remuniciamento e reabastecimento.

Combinam as condições da substituição:

- a) Chegada do Pel. — Guias.
- b) Designação dos G.C.
- c) Condições da substituição.
- d) Quem deve permanecer na posição.

VI — QUESTÃO DOS GUIAS

Constitue assunto a assentar nos entendimentos durante o reconhecimento, entre os Cmts. Btl. e Cia.

As Cias. Fz. e C.M.B. serão encarregadas de fornecer não só os guias para conduzir os reconhecimentos, como na noite seguinte, verdadeiras equipes de guias para conduzir as diferentes frações aos seus lugares.

Uma vez assentado pelo Cmt. Btl. o ponto do 1.º destino deste ultimo, ou seja a região aonde ele virá ter, bem como o dispositivo em que vai chegar, resta marcar os pontos precisos onde os guias tomarão as unidades para leva-las á frente.

Poder-se-ia argumentar: — porque razão os elementos que acompanharam os reconhecimentos não se encarregam deste serviço? A resposta é simples: — estes elementos, estafetas, agentes de transmissão, balisadores, etc., ainda não são conhecedores perfeitos da posição; os guias são ainda necessarios. Eles conhecem os caminhos mais seguros. Aqueles virão, mas como portadores das primeiras ordens dos Cmts. Cias. para seus Cmts. Pel. que conduziram estas ultimas até aqui.

O local do encontro é fixado na ordem de substituição como vemos no tipo de ordem aconselhado.

A marcação deste local e da hora são necessarios para a boa marcha do serviço. O local é função da situação e da atividade do inimigo. A's vezes é bem á frente, e outras vezes fica regularmente distanciado.

Estas equipes de guias devem ser comandadas por um official por Cia., e compreende um graduado e um homem por Pel. ou Sec. Mtr.

VII — DESLOCAMENTO DE AVANÇO DO BTL. NOVO:

O avanço do Btl. é organizado pelo Cmt. Cia. que ficou respondendo pelo Cmdo. do Btl. ou pelo proprio Cmt. caso tenha voltado á sua unidade.

No 1.º caso este ultimo deverá fornecer ao Cap. os seguintes dados:

- a) Pontos ou região de 1.º destino do Btl.
- b) Itinerarios — Dispositivo.
- c) Zonas de regiões a evitar.

d) Condições e m que deverá ser feito o deslocamento, hora, etc. A escolha dos itinerários deve ser feita pelos Cmts. Btl. dentro das diretrizes do R. I., responsável pelas questões de circulação logo atrás da P. R.

E' preciso que os itinerários não se cruzem com os recuos para evitar os contratempos e o atravancamento dos caminhos. E' preciso lembrar que os trens e mais pertences do Btl. em linha vão recuar também.

O Cap. que está respondendo pelo Cmdo. dá suas ordens e prepara o deslocamento fazendo reconhecer os itinerários e bali-sa-los, mesmo com homens.

E' preciso para isto que as indicações do Maj. cheguem em tempo útil, ainda dia claro, o mais tardar até 14 horas.

Ele vai organizar as colunas, fornecer indicações, e, em função da hora de chegada no ponto de 1.º destino, fixar a hora de partida dos diferentes elementos dos estacionamentos.

E' preciso insistir que o maximo sigilo e o segredo constituem fator preponderante do existo. Eles se traduzem pela mais rigorosa observancia das medidas de ordem e disciplina peculiares ás operações, á noite.

(Ver esquema II)

VIII — PROCESSO DE SUBSTITUIÇÃO:

As ordens de detalhes referentes á substituição são dadas pelo Cmt. do Btl. que estava em linha. Ele é o grande responsável enquanto o fato não se consumir. Por consequencia cabe a ele a regulação da substituição.

Caso o inimigo o ataque a direção é sua.

Já foi dito que ela começará por traz.

Substitue-se primeiro a Cia. reserva, naturalmente com a Cia. Fz. que chegar mais á frente.

Em seguida substituem-se as Secs. de Mtr. e Mort. tendo o cuidado de deixar o pessoal atirador que amarrrou os tiros para a noite e conhece bem o setor em posição até o clarear do dia.

Em seguida são substituidas as Cias. da P. R. começando ainda pelas suas reservas na L. D..

Após são substituidos os elementos da L.P.R. e por ultimo os elementos de vigilancia ou dos P. A. si for o caso.

O Cmdo. que vae sair fixa a composição dos elementos que vão ficar na posição, a sua missão, o termino da mesma e para onde devem se dirigir após.

A tropa que vae deixar a posição, avisada previamente da substituição faz os seus preparativos — limpa os abrigos e posições de tiro, saneia as latrinas e põe tudo em condições de passar aos seus substitutos. Todos os preparativos são feitos com antecedencia para não retardar a operação.

Na hora de ser substituida cada sub-unidade toma o seu dispositivo de alerta sem alarde e sem sinal algum. Nesta situação é substituida.

Os meios de transmissão são postos a funcionar e entregues em condições.

O material e munição a ficar são separados convenientemente e apresentados aos responsaveis de direito.

Os elementos substituidos recuam nas condições adeante fixadas.

Cada Cmt. de G. C. para cima, após a substituição dá imediatamente a sua parte de instalação pormenorizada o escalão superior. Se a sua redação ou confecção demorar ou for retardada uma primeira comunicação deverá ser feita por um meio de transmissão rapido.

Os Cmdos. de Btl. (incl.) para cima devem fixar mesmo o limite maximo de entrega das participações.

IX — DESLOCAMENTO DE RECUO DO BTL. SUBSTITUIDO

O Cmdo. superior, I.D. ou R.I., indica sempre na ordem de substituição o local de reunião para repouso ou reorganização da unidade substituida ou de embarque para transporte para a retaguarda.

Ao Cmt. do Btl. cabe organizar o movimento de recuo até aquele local.

Da frente para a retaguarda as cousas se passam da seguinte maneira:

Cada Cmt. Pel. reúne logo atraz da posição que ocupava os seus G. C. e cuida de leva-los na maior ordem e silencio até o local de reunião fixado pelo Cmt. Cia.

Este uma vez reunidos seus Pels., vae conduzir sua sub-unidade até o local fixado para a reunião do Btl.

Neste ultimo o Cmt. Btl., finda a sua tarefa, vae toma-lo sob seu comando e conduzi-lo para o local fixado pelo R. I. ou I. D.

Os itinerarios a seguir devem ser escolhidos de modo que não haja cruzamentos e sejam respeitadas as regras de circulação, de par, com a segurança contra a Art. inimiga, gazes, etc. (Ver esquema III).

ORDENS DEFINITIVAS SOBRE A SUBSTITUIÇÃO

Estudadas as condições de execução dos reconhecimentos, as ordens para as mesmas e de detalhes de avanço, substituição e re-
cua das unidades, resta, antes de passar do caso concreto demonstra-
tivo, apresentar os tipos de ordem que poderiam ser dadas.

D.I. P.C. em.....D ás.... horas (por volta de
I.D. 12 hs. o mais tardar).
R.I. (conforme o caso).

ORDEM PARTICULAR AOS BTLS X E Y

(Substituição na noite de D/D+1)

I — Condições de execução do avanço do Btl.

Condições de execução da substituição entre tal e tal
hora.

II — Condições de deslocamento: — região itinerarios, zonas
a evitar, etc.

III — Local de reunião do Btl. substituido. Itinerarios e pon-
to de 1.º destino.

IV — Elementos que devem ficar por 24 horas. Elementos
que devem ficar até o clarear do dia.

V — Material e munições que devem ficar.

VI — Movimentos de T. C.

VII — Partes de instalação.

Gen. ou Cel.

Cmt. I. D. ou R. I.

Destinatarios:

Cmt. R. I. e D. I. (conforme o caso).

Cmts. dos dois Btls. — para execução.

I.D. P. C. em.... D.... às.... horas (fim da tar-
 R.I. de de D.—)
 BTL.

ORDEM GERAL N.º....

(Movimento para a noite de D/D+1)

I — Precisar mais as condições de execução do movimento, ex-
 traindo dados de ordem de cima.

II — **Dispositivo do Btl.** e ordem de substituição.

Cia. M. (testa) — substituirá a Cia. A (reserva)

C.M.B. — Substituirá as Secs nas condições.....

Cia a N. (2.º escalões ao S.) substituirá a Cia. B. (L.P.R.
 ao S.)

Cia. O. — (2.º escalão ao N.) substituirá a Cia. C (L. P.
 R. ao N.).

III — Execução do movimento.

| Ordem de marcha | Hora de partida | Itinerario | Ponto e hora de encontro com os guias | Condições particulares do des- locamento | Obs. |
|-------------------------------------------------------------------|--------------------|------------|---------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------|------|
| Cia. M. C. M. B. Cia. N. Cia. O. Elementos do Btl. | | | | (Se for o caso, devido às ordens sobre circu- lação à reta- guarda da posição) | |

IV — Outras condições de execução do movimento. Pontos a
 evitar, encontro com os guias e os portadores de ordens.

V — Elementos que vão ficar na posição e fogos.

VI — T.C. 1 e T.C. 2.

VII — Material e munição a ficar.

VIII — P. C. (de todas as Cias. e do Btl.).

IX — Partes de instalação.

Maj. X
 Cmt. Btl.

Destinatarios:

R.I. (ou I.D.) — Como informação.

Btl. a substituir — Como informação.

Cia. e demais elementos do Btl. — Para execução.

I.D. P. C. em..... D..... às.... horas (fim
 R.I. da tarde).
 Btl.

ORDEM GERAL N.º.....**(Movimento para a noite de D/D+1)**

I — Precisar mais os detalhes da substituição, extraindo dados da ordem de R.I.

II — Designação das Cias. que substituirão as do Btl.

III — Guias para o Btl. que vem substituir.

| Sub-unidade de que fornece | A quem envia os guias | Composição da equipe de guias | Local do encontro | Hora do encontro | Obs. |
|----------------------------|-----------------------|-------------------------------|-------------------|------------------|------|
| | | | | | |

IV — Elementos que devem permanecer nas posições e prazos.

V — Material e munições que ficam.

VI — Condições de execução de recuo.

| Sub-unidade | Ponto de reunião inicial | Itinerário | Condições de deslocamento | Ponto de reunião final | Obs. |
|-------------|--------------------------|------------|---------------------------|------------------------|------|
| | | | | | |

VII — T. C.

VIII — P. C. em.....

Permanencia no atual P.C. até.....

Estudo do "Fuzil Metralhador Thompson"

Pelo 1.º Ten. AJAX MENDES CORRÊA,
servindo no Batalhão de Guardas.

De acôrdo com o método preconizado pelo Ten. Cel. G. PELLE' em seu livro "Precis de Tir e Armement de L'Infanterie" estudaremos a citada arma obedecendo "o plano geral de estudos" applicavel a qualquer arma existente no momento ou que venha a aparecer para o futuro.

Portanto temos:

- | | | | |
|----------------------------|---|-------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------|
| I — CARACTERISTICOS | { | A — Destino | { serviço tiro |
| | | B — Valor balistico | { potencia justeza mobilidade |
| | | C — Caracteristicas de funcionamento | { Principio geral de funcionamento Principio motor. Velocidade de tiro. |
| II — MUNIÇÃO | { | elementos constitutivos organização e modo de emprego munições especiais | |
| III — CONDIÇÕES DE SERVIÇO | { | simplicidade de manejo e de conservação maneabilidade segurança no funcionamento | |
| IV — ORGANISAÇÃO BALISTICA | { | cano aparelho de pontaria sistema de apoio | |
| V — FUNCIONAMENTO | { | principio de funcionamento analise de funcionamento síntese de funcionamento | |
| VI — ACCESSORIOS | { | de serviço de tiro de instrução | |

Vejamos portanto as partes: I — II — III — — VI, deixando as partes IV e V para mais tarde.

Assim sendo, temos:



1.^a PARTE

Apresentação do THOMPSON.

Fuzil Metralhadora THOMPSON, calibre 45, modelo 21 AC.
— Acabamento Standar, completo com um pente (carregador) tipo XX com capacidade para 20 cartuchos e estabilizador de tiro montado.

Este aumenta a rapidez e exatidão de tiro 1 a 1, diminui a tendencia do cano a se levantar no tiro contínuo e reduz o recuo.

E' construido de tal forma que os gases produzidos pela combustão da pólvora ao saírem da arma são comprimidos com maior pressão e desviados para cima, através de orifícios existentes no estabilizador forçando assim a boca para baixo; diminuindo a tendencia do cano a subir.



2.ª PARTE

PLANO GERAL DE ESTUDOS

Será o preconizado pelo Ten. Cel. C. Paillé, em seu livro "Précis de Tir & Armement de L'Infanterie."

Características:

- I — Destino.
 - a) Serviço — arma individual — Nova no nosso Exército. Arma para combate em ruas e localidades.
 - b) Tiro.
 - 1 — Tensão da trajetória — E' uma arma de tiro tenso.
 - 2 — Especie de tiro — Executa o tiro diréto, parado e em marcha.

3 — Alcance de utilização ou distancia normal de emprego tático da arma. E' utilizado para as pequenas distancias (entre 300 e 350 metros).

II — Valôr balístico:



a) Potencia

E' expressa pela força viva e impressa ao projétil.

$$F_v = 1/2 mv^2_0$$

1 — Velocidade inicial para bala 230 gramas a V_0 é de 918 pés por segundo ou no nosso sistema, 278 metros por segundo, mais ou menos.

Para bala de 200 gramas é de 945 pés por segundo ou no nosso sistema de 288 metros por segundo, mais ou menos.

Desta V_0 dependem:

2 — Alcance util — maior graduação da alça.

Nesta arma vai até 600 jardas para a bala de 230 gramas ou 548,ms.64.

3 — Alcance maximo — inclinado o cano de 45° não tem utilidade pratica nenhuma.

4 — Tensão da trajetoria — Varia com a velocidade inicial. (Vide Anéxo I).

c) Velocidade de tiro

Sendo esta arma de tiro continuo, temos:



1 — Velocidade de funcionamento ou cadencia de tiro.

Sendo esta velocidade, o numero de tiros feitos pela arma em 1 minuto sem contar com os tempos mortos para as diversas manipulações necessarias e segundo dados sobre a referida arma podemos calcula-la para a ordem de 800 tiros por minuto.

2 — Velocidade pratica de tiro.

Esta nada mais é que o numero de tiros feito pela arma em um minuto, contando com os tempos mortos para as diversas manipulações necessarias. E' nesta arma de ordem de 300 tiros por minuto.

3 — Regime de tiro:

Está ligado ao consumo e a capacidade de tiro.

Tem por fim evitar sua usura rapida limitando o consumo de munição e a eficacia desejada da arma.



Consumo de tiro é o numero de disparos efetuados em um minuto em combate.

Capacidade de tiro é a aptidão que tem a arma para manter o fogo sem que se reduza a velocidade pratica de tiro, não havendo desgaste apreciavel devido a continuidade de tiro. Ainda baseado em dados sobre a referida arma temos:

Em tiro intermitente — 100 tiros por minuto.

Em tiro continuo — 300 tiros por minuto.

O regime de tiro é traduzido pela relação $\frac{\text{periodo de tiro}}{\text{periodo de repouso}}$ em 1 minuto.

O denominador é o repouso do material e pessoal.

3.ª PARTE

MUNIÇÃO

A empregada pelo nosso Btl. é de calibre 45, fabricada pela C. B. C. S/A fabrica em Utinga — S. Paulo.



4.ª PARTE

CONDIÇÕES DE SERVIÇO

I — Simplicidade de manejo e de conservação.

a) Simplicidade de manejo (manejabilidade).

As operações fundamentais para a utilização desta arma (engatilhar, alimentar, graduar a alça, etc.) são reduzidas ao mínimo e de execução fácil e rápida.

b) Simplicidade de conservação.

Como a conservação de uma arma decorre da facilidade com que é operada a sua montagem e desmontagem, permitindo uma limpeza rápida e fácil, mesmo nas situações mais críticas de combate, constatamos que esta simplicidade de conservação é conse-

guida com repetidas secções de montagens e desmontagens, seguindo-se a risca a sequencia em que devem ser retiradas e colocadas as peças, afim de se evitar estrago de material. Conclue-se daí ser esta arma muito simples em sua conservação.



II — Maneabilidade

Esta é a facilidade de transporte á mão no campo de batalha.

Depende:

a) Peso

Accessível ao transporte por um unico homem. Assim sendo, temos:

| | Quilos |
|---------------------------------------------------|--------------|
| Peso da metralhadora Thompson com a coronha | 5 |
| Peso da metralhadora Thompson sem a coronha | 4 |
| Carregador cheio — tipo L | 2 |
| Carregador vazio — tipo L | 1 |
| Carregador — tipo XX | (grams.) 200 |
| Coronha | 1 |
| Metralhadora com 1 carregador cheio tipo L | 7 |
| Metralhadora com 1 carregador vazio tipo L | 6 |

Para estes dois ultimos pesos subentendemos estar incluido já o peso da coronha.

b) Dimensões

| | cents. |
|--------------------------------------------------|--------|
| arma com coronha e estabilizador Cutts. | 86 |
| arma sem coronha e com estabilizador Cutts. | 84 |
| estabilizador Cutts. | 6 |
| coronha (de nogueira preta) | 33 |



Com a coronha no seu alojamento esta peça perde mais ou menos 9 cents. em seu comprimento.

Vemos, portanto, que as dimensões acima citadas não trazembaraço algum para o atirador, quanto a sua maneabilidade.

c) **Comodidade.**

O tipo da arma em questão possui uma coronha amovível, permitindo o tiro em rajadas, com relativa comodidade.

A falta de uma bandeirola e o equipamento para o transporte da arma e munição prejudica grandemente o seu transporte.

III — Segurança no funcionamento.

Esta nada mais é que a certeza que o atirador tem de que a arma em apreço funcionará bem, sem incidentes de tiro frequentes.

a) **Rusticidade:**

Apresenta alguma resistência aos choques inevitáveis motivados pelo transporte e funcionamento da arma.

b) **Proteção:**

Quanto aos agentes exteriores: a arma apresenta poucas aberturas, estando portanto em condições de impedir a entrada de agentes estranhos como poeira, lama, etc.

5.ª PARTE

ACCESSÓRIOS

I — De serviço:

Foram entregues as diferentes Cias. deste Btl., Fz. Mtr. Thompson sem os respectivos acessórios de serviço, com a exceção de uma vareta de cobre, com escova de aço, destinado a sua limpeza.

2) **De tiro:**

3) **De instrução:**

Mais uma vez, as sub-unidades deste Btl. receberam os Fzs. Metrs. sem os respectivos acessórios de tiro e de instrução.

Fontes de consulta:

1 — Manual para el manejo del Thompson Submachine Gun. Modelo de 1921.

2 — Fuzis Metralhadores Thompson S. A. B. Estabelecimentos Mestre & Blatgé.

3 — Précis de Tir & Armement d L'Infanterie — Do Ten. Cel. G. Paillé.

4 — L'Armement des Armes automatiques de Marcel De-rouges.

ANEXO I

Tabela contendo as distancias e as respectivas flexas, mostrando a tensão da trajetória.

| Distancias | Flexa | |
|-----------------------------|---------------------------------------------------|---------------------------|
| | Bala de 230 grms. | Bala de 200 grms. |
| 100 jardas ou 91,m44 | As trajetórias se confundem É menor que 0,m500 | |
| 200 jardas ou 182,m88 | Difere muito pouco. Aproximadamente de 0,m500 | |
| 300 jardas ou 274,m32 | 1,m524 | Um pouco maior que 1m,219 |
| 400 jardas ou 365,m76 | 3,m048 | 2,m743 |
| 500 jardas ou 457,m2 | 5,m500 | 4,m876 |

Os dados numericos acima achados são aproximados.

Vemos portanto que sendo a bala de 230 grams. mais leve que a de 200 grms., a velocidade inicial será maior para a bala de 200 grms. e portanto a trajetoria mais tensa, isto é, a flexa é menor para a bala de 200 grms.

Logo vemos que quanto maior fôr a velocidade inicial mais tensa será a trajetoria.

ANEXO II

TABELA DE PENETRAÇÃO PARA O FZ. THOMPSON

As unidades de comprimento empregadas são: Polegada Norte Americana cujo valor é 2,54 e a jarda que é igual a 91,44.

| Distancias | | Queima roupa | 100 jardas ou 91,44 | 200 jardas ou 182,88 | 300 jardas ou 274,32 | 400 jardas ou 365,76 | 500 jardas ou 457,20 | | |
|------------|---------------------------------------|-----------------|---------------------------|----------------------------|----------------------------|----------------------------|----------------------------|------------------|-----------|
| Munição | Bala de 230 grms. Vo=278 m/s | 6 3/4 | 6 | 5 1/4 | 4 1/2 | 4 | 3 3/4 | Pole- gadas | Espessura |
| | | 17, cms 190 | 15, cms 240 | 13, cms 335 | 12, cms 430 | 11, cms 160 | 9, cms 570 | Centi- metros | |
| | Bala de Vo=288 200 grms. m/s | 6 3/4 | 5 3/4 | 5 | 4 1/4 | 3 3/4 | 3 1/4 | Pole- gadas | Espessura |
| | | 17, cms 190 | 14, cms 650 | 12, cms 700 | 11, cms 795 | 9, cms 570 | 8, cms 255 | Centi- metros | |

A manobra de um grupo de 155 G. P. F.

Cel. de Art. F. LE NÔTRE

(Traduzido da "Revue d'Artillerie" de Fevereiro de 1939, pelo Cap. HEITOR BORGES FORTES.

O presente estudo diz respeito á manobra de um Grupo de canhões de 155 G. P. F. que recebe ordem de engajar em curto prazo.

O Grupo de 155 G.P.F. compreende cerca de cem veículos; extensão de estrada que êle ocupa, em colúna, todos os elementos incluídos, é da ordem de 4 quilômetros; o peso do canhão é vizinho de 13 toneladas e sua largura de via 2m,60. Basta lembrar estes dados fundamentais para mostrar que a manobra de tal Grupo é delicada e pede de seus componentes uma inegável experiência.

Pesado e atravancador por si mesmo, este Grupo o é também para aqueles que o encontram na estrada. Não se o pode lançar sobre todas as rodovias, sem ter certeza de que as pontes são suficientemente resistentes, que as voltas são possíveis nas povoações. O cruzamento e o dobramento de uma colúna de G.P.F. não são possíveis sinão em estradas muito largas.

Admitiremos que se trata de manobrar **perto do inimigo**, o que exclúe a possibilidade de articular o Grupo em colunas de veículos do mesmo tipo — e poderemos dividir este estudo em 3 partes:

- A) As diversas situações do Grupo;
- B) Os quadros de efetivos;
- C) As formações propostas.

A) AS DIVERSAS SITUAÇÕES DO GRUPO

O Grupo considerado pôde fazer parte de uma colúna auto-movel e deslocar-se sem perspectiva de engajamento proximo.

Este seria o caso, por exemplo, na ocasião do deslocamento de um Corpo de Exército motorizado, do qual fizesse parte aquela unidade. **Situação n. 1.**

Um engajamento proximo pôde ser, ao contrario, previsto, e então é necessario encarar a partida dos elementos de reconhecimento. **Situação n. 2.**

Estes elementos de reconhecimento tendo partido, é preciso que o Grupo possa continuar sua marcha, ficando suficientemente enquadrado e seus diversos elementos mantendo ligação. **Situação n.º 3.**

Os reconhecimentos tendo sido feitos, pôde ser necessario executar certos trabalhos de adaptação das posições, antes de trazer os canhões. Será preciso, num prazo minimo, trazer ao pé da obra trabalhadores e materiais. **Situação n. 4.**

Finalmente, o Grupo estando em posição, seus veículos deverão ser repartidos judiciosamente, assegurando uma ligação entre os pontos de estacionamento. **Situação n. 5.**

E' nestas diversas situações que nos propomos estudar a articulação do Grupo em vista de tornar sua manobra tão flexivel e tão rapida quanto possivel. O titulo VI A 1 auto indica certas regras relativas ao fracionamento do Grupo e á execução dos reconhecimentos, mas a experiencia mostra que estas regras, por muito gerais, são insuficientes para que se atinja um resultado satisfatorio.

B) OS QUADROS EFETIVOS

Examinemos inicialmente a composição dos diversos elementos do Grupo: Estado-Maior, Baterias, Colúna de Reaprovisionamento.

1.º Estado-Maior:

- 1 Major Comandante
- 1 Capitão ajudante
- 1 Tenente orientador
- 1 Tenente observador
- 1 Tenente das transmissões
- 1 Tenente de ligação
- 1 Tenente da Seção de regulação
- A Seção de Comando
- Os Serviços gerais
- 4 motocicletas

3 viaturas de ligação

| | | |
|--------------|---|--------------------------------------------|
| 7 camionetes | { | 2 telefonicas |
| | | 1 da seção de regulação |
| | | 3 de transporte de pessoal e instrumentos. |

1 caminhão das bagagens

O Major e o Capitão ajudante terão cada um sua viatura; os Tenentes serão repartidos entre as tres viaturas de ligação, e esta distribuição poderá variar com as circunstancias. Si o Major parte em reconhecimento, por exemplo, levará com êle aqueles de seus tenentes que lhe serão mais necessários: ora o observador; ora o oficial das transmissões, ora os topógrafos, ora o oficial de ligação.

Os motociclistas são auxiliares indispensaveis de todos os chefes de colunas automoveis. Qualquer que seja a articulação da unidade, o chefe de cada um de seus elementos deverá dispôr de um motociclista.

O E. M. do Grupo dispondo de 4 motociclistas, sua utilização poderá ser em principio a seguinte:

— um ás ordens do Major comandante;

— um ás ordens do Capitão ajudante;

— um afêto, á coluna de camionetas;

— um disponível, mais especialmente encarregado da ligação com a coluna de reaprovisionamento.

Os graduados e secretarios serão repartidos entre as diversas viaturas do E. M., de maneira a assegurar um enquadramento tão perfeito quanto possível e que permita que, os officiais ao partirem em reconhecimento, não tenham que esperar seus auxiliares qualificados necessarios aos trabalhos.

Cabe notar que a coluna de camionetas poderá ser levada a se deslocar sem que haja um official no seu comando; com efeito, á partida dos reconhecimentos, o Tenente das transmissões deverá chegar muito cedo á posição de desdobramento do Grupo, a fim de estudar sem nenhum retardo o problema a resolver: não é sinão nestas condições que se terá uma rede telefonica lançada em tempo util. Este official partirá pois sempre com o primeiro elemento, o que imporá a previsão de um sargento qualificado para comandar eventualmente a coluna de camionetas.

No momento da chegada á posição a ocupar, é indispensavel assegurar uma severa disciplina de circulação, fazer respeitar as determinações sobre disfarce, evacuar o mais depressa possível

todos os veículos, logo que hajam descarregado pessoal e material transportados. Será preciso contar para esta tarefa muito importante, com um sargento particularmente energico, que deverá chegar á posição com oportunidade e aí receber todas as informações sobre a missão.

2.^a Baterias.

1 Capitão comandante

2 Tenentes

- Secção de comando
- Serviço das peças
- Serviço de metralhadora
- Serviço de conservação e depanage
- Serviços gerais

1 motocicleta

2 viaturas de ligação

- 2 camionetas { 1 porta-metralhadora
1 de material transmissões

- 7 caminhões { 2 de pessoal
2 de accessorios e feffamentas
2 de munição
1 de viveres e bagagens

6 tratores, dos quais 2 de socorro

2 reboques: 1 de accessorios, 1 cozinha-rolante

4 peças 155 G. P. F.

O Capitão e um dos Tenentes tomarão lugar numa das viaturas de ligação; o outro Tenente, na restante.

O motociclista seguirá o Capitão.

Os graduados serão distribuidos pelas viaturas, de maneira a assegurar um bom comportamento, sendo desnecessario dizer que os da secção de comando irão nas viaturas correspondentes á sua utilização, aos locais de seu trabalho e em tempo util.

Ainda aqui será preciso designar um sargento energico para assegurar a disciplina de circulação e de disfarce na chegada á posição, dos diversos elementos da bateria.

3.^a Coluna de Reaprovisionamento

1 Capitão comandante

3 Tenentes

um Cmt. de escalão

um mecanico de autos
um encarregado de detalhes

1 Médico

— Seção de Comando

— Serviço de saúde

| | | |
|-------------------------|---|-------------------------|
| — Escalão de combate | { | Serviço de remunciação |
| | | (municiões e agua) |
| | | Serviço de metralhadora |
| | | Keserva de pessoal |

— Oficina do grupo

— Trem de estacionamento

— Serviços gerais.

1 motocicleta

4 viaturas de ligação

| | | |
|--------------|---|--------------------------|
| 6 camionetas | { | 2 do serviço de saúde |
| | | 1 porta-metralhadora |
| | | 1 para carne-verde |
| | | 1 com viveres de reserva |
| | | 1 para o vago-mestre |

| | | |
|--------------|---|-------------------------|
| 18 caminhões | { | 9 transportando munição |
| | | 2 de bagagens |
| | | 1 Oficina |
| | | 1 deposito |
| | | 2 com gazolina |
| | | 1 transporte d'agua |
| | | 2 dos viveres |

| | | |
|------------|---|--------------------|
| 2 reboques | { | 1 reboque-deposito |
| | | 1 cozinha-rolante |

O Capitão e cada um dos Tenentes tomarão lugares em uma viatura ligação; o oficial-médico em uma de suas viaturas.

Os graduados serão repartidos pelas viaturas segundo os serviços que lhes incumbem; alguns deles acompanharão nas viaturas de ligação seus chefes imediatos.

A Colúna de reaprovisionamento tem possibilidades de receber certos elementos vindos do E. M. do grupo e das Baterias; será também frequentemente repartida em varios elementos, gozando de uma certa independencia. Tal fracionamento precisará

ser estudado, de sorte que cada elemento tenha um chefe e fique convenientemente enquadrado. Como exemplo poder-se-á admitir:

- | | | |
|------------------------|---|----------------------------------------------------|
| | { | Serviços gerais |
| | { | Serviço de saúde |
| 1. ^a fração | { | Elementos vindos do E. M. do Grupo e das Baterias. |
| | { | Serviço de remuniciamento. |
| 2. ^a fração | | — Oficina |
| 3. ^a fração | | — Trem de estacionamento |

O motociclista da Colúna de reaprovisionamento assegurará a ligação com o Comandante do Grupo e entre as diversas frações acima indicadas.

C AS FORMAÇÕES PROPOSTAS

No exame das diversas situações que mencionámos anteriormente, determinaremos a ordem em que, em cada unidade, deverão estar colocados os veículos, para que seja facil passar-se de uma formação a outra.

Situação n. 1 — O Grupo faz parte de uma colúna automovel; seu lugar e sua velocidade estão fixados pelo escalão superior; o Comandante e os Capitães não têm outra preocupação sinão a de fazer marchar suas unidades nas condições prescritas na ordem de movimento. Resulta que oficiais, sargentos e graduados serão distribuídos de fôrma a assegurar um bom enquadramento da tropa.

Diz-se algumas vezes que, em uma colúna auto, que se desloca, o papel dos oficiais e graduados é nulo, o que é inexato; os graduados pôdem muito bem vigiar o pessoal transportado em sua própria viatura e também ver o que se passa no interior da viatura precedente. Si de tempos em tempos um motociclista circula ao longo da colúna, êle pôde recolher na passagem as observações dos chefes de viaturas e transmiti-las aos oficiais, que se mantêm assim convenientemente informados sobre a marcha. Acrescentemos que nos altos, a ação de todos os quadros é importante para a verificação dos veículos: mecanica e carregamento. Finalmente, nos incidentes de marcha, a presença de oficiais e dos graduados permite tomar rapidamente as disposições mais convenientes ao caso.

Na situação n. 1 todas as viaturas do E. M. serão grupadas, indo á testa as viaturas de ligação, as camionetas em seguida (e em primeiro lugar a da metralhadora), o caminhão de bagagens na cauda.

Cabe notar que a velocidade será relativamente fraca; os motociclistas não terão de ser utilizados para reconhecimento ou na execução de um balisamento; rolando á velocidade da colúna, o resfriamento de suas maquinas se fará mal, dando lugar a avarias. Poder-se-á fazer face a isto, carregando quasi todas as motos nos caminhões, ou suspendendo-as, por dispositivos apropriados, á parte da bolada dos canhões de G. P. F., e conservando em serviço apenas uma ou duas motos no conjunto do Grupo, as quais circularão ao longo da colúna e informarão os comandantes de unidades sobre a marcha de seus veículos.

Em cada Bateria a ordem poderá ser a seguinte:

- viaturas de ligação;
- camionetas: transmissões, metralhadora;
- 2 caminhões com pessoal;
- 2 caminhões de accessorios e ferramentas;
- 4 peças de 155 G. P. F. (conjunto tratôr-canhão)
- 2 caminhões de munição;
- 1 caminhão de viveres, rebocando a cozinha-rolante;
- 2 tratores de socorro.

Na Colúna de Reaprovisionamento, poderá ser:

a) A 1.^a fração:

- Viaturas de ligação do Capitão;
- Veículos dos serviços gerais;
- Camionetas do serviço de saúde;
- Camioneta metralhadora;
- Viatura de ligação do Cmt. do escalão
- Caminhões do escalão.

b) A 3.^a fração:

- Trem de estacionamento;

c) A 2.^a fração:

- Oficina.

sendo o tenente automobilista o serra-fila geral do Grupo.

Todo este dispositivo será conhecido de cada um e poderá ser tomado ao comando "FORMAÇÃO N. 1".

Situação n. 2. — Nesta situação tudo deve estar disposto para que a partida dos reconhecimentos se faça sem perda de tempo.

Todas as motos rolarão, e pessoal e as viaturas que devem tomar parte nos reconhecimentos serão reunidas á testa do Grupo.

Na perspectiva de uma atuação proxima, será preciso aliviar as Baterias dos caminhões de viveres, de bagagens e das cozinhas rolantes, que se incorporarão á Colúna de reaprovisionamento. Isto não deverá dar lugar a movimentos para trás o que se consegue encostando os veículos citados á margem da estrada, em local conveniente, até a passagem da C. R., onde tomarão os lugares que lhes cabem.

Caberá ainda repartir criteriosamente, entre todos os elementos do Grupo, as camionetas metralhadoras.

Ter-se-á assim uma "FORMAÇÃO N. 2" que será tomada muito facil e rapidamente a esse simples comando, e que comportará:

Estado-Maior —

1.º elemento

3 viaturas ligação do E. M. (a viatura do Cap. ajudante não deverá partir com os reconhecimentos).

3 motos do E. M. — do Major, do Cap. ajudante e uma disponível (ligação com a C. R.)

3 viaturas de ligação dos Cmts. de bateria

3 motos (uma de cada bia.).

2.º elemento —

Coluna de camionetas, sob as ordens de um sargento do E. M. e acompanhada por uma moto:

— 7 camionetas do E. M. do Grupo;

— 3 camionetas de transmissões das baterias.

Camioneta metralhadora da 2.ª Bateria.

1.ª Bateria

Viatura de ligação do Tenente;

Camioneta metralhadora da 1.ª Bateria;

2 caminhões de pessoal;

2 caminhões de acessórios e ferramentas;

- 4 conjuntos trator-peça 155 G. P . F.
- 2 caminhões de munição;
- 2 tratores de socorro

2.^a e 3.^a Baterias

Como a 1.^a, salvo quanto á camioneta-metralhadora da 2.^a Bia. que seguiu com a coluna de camionetas do Grupo.

C. de Reaprovisionamento

1.^a fração:

Viatura ligação do Capitão e moto da C. R.

Caminhões viveres, bagagens e cozinhas-rolantes do E. M.
e das baterias;

Veículos dos serviços gerais da C. R.

Serviço de saúde.

Viaturas do Ten. cmt. do escalão.

Caminhões do escalão.

2.^a fração:

Oficina.

3.^a fração:

Trem de estacionamento.

Desde que se passa á formação n.º 2, o Comandante da C. R. pôde receber ordem de tomar uma certa distância entre sua unidade e o resto do Grupo. Ha interesse em não levar prematuramente muito á frente, veiculos que aí não são indispensáveis. Uma vez separado do resto do Grupo, o Capitão da C. R. manter-se-á em ligação com o Major seja por meio de seu motociclista, seja por deslocamento pessoal, de maneira a coordenar a manobra da C. R. com o Grupo, para que estejam sempre assegurados em condições satisfatórias:

- o fornecimento de alimentação pelas cozinhas-rolantes;
- o serviço de saúde;
- o reaprovisionamento de munição e carburante.

Situação n.º 3 — A ordem de engajamento do Grupo foi dada. Os reconhecimentos partem e devem ser conduzidos de tal forma que os canhões continuando a se deslocar em sua velocidade normal, não tenham de se detêr antes de serem levados ás posições de tiro.

Desde a partida dos reconhecimentos o Grupo fica dividido em vários elementos que rolam com velocidades diferentes, e que deverão chegar quer a pontos previamente indicados sobre um itinerário, quer às posições de desdobramento.

Esforços devem ser feitos para obter o seguinte resultado:

1.º — Um elemento que chega deve encontrar as ordens e as informações que lhe permitirão fazer sua parte de trabalho;

2.º — esta parte de trabalho deve estar terminada quando vai chegar o elemento seguinte.

Quais podem ser estes diversos elementos?

a) A viatura de ligação do Major, na qual tomaram lugar dois dos seus adjuntos;

um motociclista.

Ha vantagem em dotar o Comandante de Grupo de uma viatura rapida, que lhe permita, no caso figurado, ganhar tempo sobre as viaturas dos Capitães.

b) Uma viatura de ligação do E. M. do Grupo com 2 outros Tenentes adjuntos;

as 3 viaturas de ligação dos Comandantes de baterias;

os 3 motociclistas das baterias.

c) A coluna de camionetas, tal como foi constituída na "Formação n.º 2";

um motociclista do E.M. do Grupo.

d) A coluna das baterias, sob as ordens do Capitão ajudante, dispondo este do motociclista que lhe é afeto e do motociclista disponível no E. M.; cada bateria como na "Formação n.º 2".

e) A coluna de Reaprovisionamento, tal como constituída na citada formação.

Quando o Cmt. do Grupo recebe ordem de acionar os reconhecimentos, o ideal é que ele possa se limitar a dizer ao Capitão ajudante, após lhe haver mostrado a ordem recebida: "Parto com os Tens. X e Y. Fazei tomar a formação n.º 3" (eventualmente: itinerário a seguir; ponto a não ultrapassar sem novas ordens).

O Capitão ajudante, por sua vez, infórma os Comandantes de bateria, o chefe de coluna de camionetas, e faz partir logo que possível os dois elementos acima indicados; elementos b e elemento c; assume o comando do elemento d e envia suas ordens aos Tenentes que comandam as baterias. Finalmente, infórma ao comandante da C. R. pelo motociclista para assegurar esta ligação.

Assim operando, o Major, liberto de preocupações quanto á retomada da marcha pelos diversos elementos do Grupo, póde partir mais cedo e ganhar um tempo precioso, seja para fazer um rapido reconhecimento de conjunto, seja para tomar os contátos necessários com a autoridade a que se acha subordinado.

Cada um desses elementos deve marchar em velocidade razoavelmente permitida pelos veículos, mantendo-o grupado; si se não póde perder tempo, não é isto razão para que esses diversos destacamentos se transformem em uma sucessão de viaturas isoladas, rolando em louca disparada.

Si um balisamento se faz necessario, fica êle assegurado, por ordem do Major, pelas providencias do Capitão ajudante e para o conjunto do Grupo, um dos Tenentes adjuntos dêle é encarregado, dispondo para isso de uma ou duas camionetas, que se lhe terá reservado, e dos homens necesarios.

Não vamos aqui examinar o detalhe das operações de reconhecimento; apenas chamaremos a atenção para tres pontos interessantes: Em primeiro lugar, o Comandante do grupo deverá fixar, na região de desdobramento, um ponto ao qual chegarão todos os veículos antes de serem dirigidos sobre suas respectivas posições de bateria; é o ponto de deslocamento. Um graduado aí deverá estar com alguns homens de cada bateria, de maneira que todos que aí cheguem possam encontrar informações e, si necessario, um guia.

Em segundo lugar, é preciso determinar muito cedo o local do P. C. do Grupo e aí deixar um graduado ou um soldado-secretario encarregado de informar todos aqueles que disso tenham necessidade. E' desse ponto que partirão os ramais telefonicos que se se vai estabelecer sem tardança, e não se póde facilmente começar esse trabalho si se não conhece o local exato do P. C.

Em terceiro lugar, é preciso assentar desde logo para que local serão enviadas as viaturas; é indispensável, com efeito, que a região de desdobramento do Grupo seja desembaraçada sem perda de um minuto, das viaturas que trouxerem pessoal e material, cuja presença traz o risco de fazer descobrir a posição pela observação aérea inimiga.

Si o local de estacionamento definitivo desses veiculos não poudeser fixado com antecedencia suficiente, convirá crear um estacionamento provisório e para êle encaminhar sem demora toda viatura descarregada.

Situação n.º 4 — Será frequentemente necessario, antes da chegada dos canhões, preparar os acessos á posição de bateria e os locais das peças. E' nesta eventualidade que, em cada bateria, os caminhões que transportam as guarnições e os caminhões de accessorios e ferramentas serão puxados á frente.

Bastará então dar a ordem "Formação n.º 4", para que o Capitão ajudante reuna os caminhões citados e os encaminhe para a região de desdobramento.

Quem comandará esse novo destacamento? O Capitão ajudante terá provavelmente em sua viatura um Tenente adjunto do E. M. do Grupo, do qual se valerá, caso contrario, um Sargento será designado para chefe do conjunto. Seguindo o itinerario indicado ou balisado, esses caminhões atingirão o **ponto de deslocamento**, onde todas as informações complementares serão dadas para que atinjam seus destinos.

A necessidade de trabalhos preparatorios obrigará algumas vezes a deixar para mais tarde a chegada dos canhões ás posições. O Capitão ajudante, neste caso, procurará uma posição de espera, na qual a coluna das baterias se deterá; esta posição, na melhor medida possivel, será escolhida fóra da estrada, que é preciso entregar á circulação, e em local abrigado das vistas aéreas. Uma vez conseguido isto, o Capitão ajudante avançará até a posição de desdobramento, para prestar contas ao Major das disposições tomadas, informar-se da situação e receber novas ordens, si fôr o caso.

Situação n. 5 — O Grupo tendo ocupado posição, como lhe foi fixado, limitar-nos-emos a indicar como poderão estar dispostos sobre o terreno os diversos elementos da Unidade.

E' claro que não se deve conservar nem um veículo nas proximidades imediatas do P. C. do Grupo ou das baterias, com exceção das camionetas do P. C. e de certas camionetas de transmissões que podem ter instalados permanentemente postos de radio. Estes veículos, ficarão em locais tão abrigados quanto possivel, dos efeitos do tiro inimigo e das investigações de sua aviação.

A alguma distancia da posição em que se houver desdobrado o Grupo organizar-se-á um escalão avançado onde se encontrarão (em numero tão reduzido quanto possivel):

— alguns motos (2 a 3 no maximo) para as ligações urgentes;

— uma ou duas viaturas de ligação e uma ou duas camionetas, permitindo garantir rapidamente o deslocamento imprevisto de alguns oficiais, sargentos ou homens da tropa;

— um ou dois tratores, a utilizar em manobras de força.

Este escalão avançado convirá estar ligado, si as circunstâncias permitirem, ao P. C. do Grupo, por uma linha telefonica.

Enviar-se-á, em principio, para o estacionamento do escalão, os outros veículos do E. M. e das baterias. Em razão do tempo consideravel que necessita, para abandonar a posição, o material 55 G.P.F., o estacionamento do escalão poderá ser escolhido muito atrás da posição de desdobramento do Grupo, coisa de 5 a 10 quilometros, pessoal e material gozarão aí de uma relativa segurança.

Esse escalão estando situado mais longe que os das formações hipomoveis, seu chefe terá mais facilidade em procurar um estacionamento satisfatorio: proximidade da rodovia ou de caminhos empedrados, existencia de agua, disfarce da instalação contra as vistas aéreas, etc.

O conjunto de viaturas será repartido em pequenas frações, separadas umas das outras e com comandos perfeitamente organizados. Trincheiras imediatamente construidas, completarão as providencias relativas á defesa, assegurada com metralhadoras e fusis-metralhadores, contra os aviões voando baixo. Providencias serão igualmente tomadas para fazer face ás incursões de blindados.

E' ao comandante da Coluna de Reaprovisionamento, secundado pelo Tenente comandante do escalão de munições, que cabe escolher esse estacionamento e coordenar as providencias indicadas acima.

O posto de socorro do Grupo será organizado em um local que permita que os feridos sejam rapidamente socorridos e evacuados, si fôr o caso. O official-médico fará os reconhecimentos necessarios e proporá ao Major o local por êle escolhido.

A oficina poderá ficar com o escalão, ou estabelecida em outro local, si as facilidades de trabalho assim aconselharem. Si varios dos Grupos de um mesmo Regimento fazem parte da mesma Grande Unidade, as oficinas dos Grupos poderão ser reunidas, ficando desde então sob a direção geral do Capitão mecanico.

Finalmente, o trem de estacionamento, segundo as ordens dadas pelo Comandante da Grande Unidade, assegurará os reabastecimentos do Grupo; algumas de suas viaturas poderão estar junto ao escalão, o movimento das outras sendo em geral regulado pelo comandante do T. E. da Grande Unidade.

A influencia

dos **PE'S**

na marcha dos soldados

Nem sempre é "moloide" o militar que na marcha não revela o mesmo garbo e cadencia dos seus camaradas. Os "pés planos" determinam rapido cansaço, dores nas pernas e pés e, dada a deformação da estrutura ossea e o relaxamento muscular, não permitem aos portadores dessa anormalidade os movimentos indispensaveis a um passo normal, elegante e commodo. Os supportes "Foot Eazer" Dr. Scholl normalizam o andar, eliminam as dores e dão perfeita commodidade aos pés.

GRATIS O Pedigrapho Dr. Scholl revela o estado de seus pés.



Pé Normal

Pé Plano



Marcha cadenciada sem cadencia

LOJA Dr. SCHOLL

RUA SÃO JOSÉ, 114

UM ESTUDO SOBRE DESTACAMENTO DE DESCOBERTA MÓTO-MECANISADO

Pelo Cap. PAULO ENÉAS F. DA SILVA

I — Generalidades:

1 — O emprêgo dos Destacamentos de Descoberta constituídos unicamente com elementos móto-mecanizados:

— O R. E.C.C., 3.^a parte (N. 73) assim se expressa: “Em certos casos, enfim, ha interêsse em se constituirem os Destacamentos de Descoberta unicamente com elementos automoveis (motorizados ou transportados).”

— No estudo que vamos fazer, dada a situação geral, justifica-se plenamente o emprêgo do Destacamento de Descoberta móto-mecanizado. O Destacamento constituído, sob o Comando do Cel. Cmt. do 2.^o R.C.T. (ver letra a do n. 2 da Situação Particular), e lançado rapidamente sobre uma determinada linha do terreno, que representa para a D. C. um interesse especial, só poderia ser convenientemente coberto e esclarecido por uma Descoberta que possuísse as características indispensaveis á uma operação desse genero. As possibilidades desse grande Destacamento (sob o Comando do Cel. Cmt. do 2.^o R.C.T.) são evidentemente maiores que as de um outro constituído somente de elementos hipomóveis. Para que a Descoberta possa, com a rapidez necessaria, atender ás necessidades daquele Destacamento, impõe-se constitui-la com elementos capazes, isto é, com as possibilidades análogas no minimo.

2 — Muito embora o Regulamento detalhe os principios do emprêgo desses elementos, os exercicios de applicação, isto é, os **casos concretos**, pouco se tem escrito a respeito dos mesmos.

No interesse de facilitar uma apreciação objétiva dos principios de emprego desses elementos é que vamos proceder o es-

tudo a que nos propôzemos, á luz exclusiva dos Regulamentos em vigor.

II — O t ma que servirá de b se ao estudo:

Desenrolar-se-  nas cartas: do Rio Grande do Sul, 1/200.000 e de Sant'Ana 1/50.000. Afim de facilitar, embora de um modo geral, para aqueles que não dispozerem dessas cartas, anexaremos ao presente trabalho um croquis de toda a região em que vai operar o Destacamento.

A) Situa o Geral:

1 — Forças Vermelhas, de W., estão em cont to com forças Azuis, de L.,   jusante de ROSARIO, no c rte do RIO SANTA MARIA.

Os dois partidos se empenham em efetuar o desbordamento das forças adversárias pela  la S.

2 — A 2.  D. C. Azul está, no dia D-1, estacionada na região: DAM SIA—P STO GOULART—P STO DO MARCO — BATOV  — CALEIRA — INHATU M.

Os reconhecimentos da Avia o Azul assinalam,  s 18 (dezoito) horas do dia D-1, importantes forças de Cavalaria Vermelha em SANT'ANA e MARCO MARECHAL.

Até essa hora nenhum elemento Vermelho foi observado a L. da linha da fronteira.

B) Situa o particular:

1 — As 20 (vinte) horas do Dia-1, o General Cmt. da 2.  D. C. Azul recebe do Comando Azul o seguinte radio cifrado:

a) Importantes forças de Cavalaria Vermelha foram assinalada sem Sant'Ana e Marco Marechal, hoje  s 18 (dezoito) horas.

b) A 2.  D. C. marchar  amanhã na dire o geral de Sant'Ana, com a missão de:

— reconhecer as forças Vermelhas assinaladas em Sant'Ana e Marco Marechal, determinando-lhes o valor e atitude;

— em presença de forças superiores, manobrar em retirada, mantendo a linha: Vasconcélos — Passo da Armada, até o dia D mais 3.

2 — Deante da missão recebida, o Gen. Cmt. da D. C. decide:

a) estar senhor da linha: Vasconcélos — Passo da Armada na primeira parte da jornada do dia D, lançando, ao alvorecer deste dia, para esta linha, um Destacamento Móto-Mecanizado, sob o comando do Cel. Cmt. do 2.º R.C.T., assim constituído:

— 2.º R.C.T., 2.º R. Aut. M. (menos 1 Esq. A.M.D.R. e o Esq. T.Q.T.) e o III/2.º R.A.D.C.

b) fazer preceder este Destacamento por uma Descoberta.

C) A ordem á Descoberta:

Exército Azul — Q. G. no Posto do Marco, ás 23 (vinte e tres horas do dia D-1.

2.ª D. C.

3.ª Seção

N.....

“ORDEM A’ DESCOBERTA”

I — Informações sobre o inimigo: ver situação geral.

II — Missão da D. C.: ver letra b, item 1, da situação particular.

III — Idéa de manobra do Cmt. da D. C.: ver n. 2 da situação particular.

IV — Descoberta:

1 — Aérea:

a) Afastada: como lembrança.

b) Aproximada: reconhecimento dos eixos

— Damasia — Rosario — Bifurcação do ponto 35 — Passo da Cruz — Polomas — Sant'Ana.

— Posto do Marco — Passo de São Borja — Passo da Armada — A. Pinto — Cérro Munhóz — Marco Marechal.

2) Terrestre:

Ver quadro anexo.

V — Transmissões das informações:

1) **Eixo de transmissões:** Damasia — Rosario — Ponto 35 — Bragança — L. Bragança — Polomas.

2) **Centro de transmissões de Descoberta:** a partir das 7 (sete) horas em Curral de Pedra.

3) **Deslocamento do P. C.** do Cmt. do Destacamento Móto-Mecanizado:

— Damasia — Rosario — Ponto 35 — Passo da Cruz — Polomas — Sant'Ana.

VI — Conduta a manter em presença de forças superiores:

1) manobrar em retirada segundo os proprios eixos de marcha;

2) esforçar-se por manter, até ás 10 (dez) horas do dia D., a linha — A. Pinto — Bragança — Conceição.

VII Ligações com a Descoberta Aérea:

1) Com o Destacamento n. 1: como lembrança.

2) Com o Destacamento n. 2:

a) ás 7 (sete) horas na região do entroncamento 10 (dez) kms. SW. do Passo de São Borja.

b) ás 8 (oito) horas e 45 (quarenta e cinco) minutos na linha: A. Pinto — Bragança.

(a) Gen. A.

Cmt. da 2.^a D. C. Azul

III — O exame dos fatores da decisão:

A) A MISSÃO:

De que se trata para o Cmt. do Destacamento de Descoberta n. 2?

1 — Informar:

a) elementos inimigos ultrapassaram,, ás 7 (sete) horas, o Rio Santa Maria?

b) está ocupado o passo da Armada?

c) qual a linha onde o inimigo oferece uma resistencia continua?

d) mesmo negativamente,

— do passo de São Borja

— do passo da Armada

— de L. Bragança.

2 — Em presença de forças superiores:

a) manobrar em retirada segundo o proprio eixo de marcha

b) esforçar-se por manter, até ás 10 (dez) horas do dia D., a linha A. Pinto — L. Bragança.

3 — Em fim de jornada: manter a linha A. Pinto — L. Bragança

4 — Tomar ligações com a Descoberta Aérea:

a) ás 7 (sete) horas na região do entroncamento 10 kms. SW. do Passo de S. Borja.

b) ás 8 (oito) horas e 45' na linha: A. Pinto — L. Bragança.

Examinemos agora, detalhadamente, cada termo desta missão:

COLHER INFORMAÇÕES

1) — Elementos inimigos ultrapassaram ás 7 (sete) horas o Rio Santa Maria?

Para que o Cmt. do Destacamento de Descoberta póssa saber se realmente os elementos inimigos ultrapassaram o Rio áquela hora é necessario que atinja esse córte do terreno antes dessa hora, em condições de poder reconhecer as suas passagens e êle próprio, Cmt. do Destacamento, fazer a sua observação.

Além disso, o Cmt. do Destacamento sabe que tem que fazer uma ligação com a Descoberta Aérea, ás 7 (sete) horas na região do entroncamento 10 kms. a SW. do Passo de São Borja. Póde pois o Cap. Cmt. deste Destacamento concluir:

“Atingir, por volta das 6 (seis) horas as proximidades do passo de São Borja afim de poder reconhecer esta passagem e prestar as informações mesmo negativas pedidas”.

2) — Está ocupado o Passo da Armáda ?

Por um raciocinio identico o Cmt. do Destacamento poderá concluir que, para poder colher informações desse passo, é necessário atingi-lo em condições de segurança e possibilidades de reconhecimento.

De outro lado, a linha Passo da Armáda-Vasconcelos deve representar para o Cmt. do Destacamento um interesse capital; ela representa para o Cmt. da D. C. a intenção para a primeira parte da jornada de D. .

Póde pois o Cmt. do Destacamento concluir:

“Após a ligação com a Descoberta Aérea no entroncamento 10 kms. SW. do Passo de São Borja, lançar-se diretamente sobre as alturas que dominam a L. o passo da Armáda afim de reconhecê-lo e colher as informações, mesmo negativas, pedidas”.

3) — Qual a linha em que o inimigo oferece uma resistencia continua ?

O estudo das possibilidades do inimigo, e em seguida, o exame do terreno, irá permitir ao Cmt. do Destacamento tirar certas conclusões a respeito deste termo da missão.

4) — Informar, mesmo negativamente, do passo de São Borja, do passo da Armada e de L. Bragança.

Os recursos de que dispõe o Destacamento para a remessa das informações são:

- a Descoberta Aérea.
- algum agente de transmissão.
- o T. S. F..

A utilização desses meios depende de suas possibilidades, da situação, etc..

Já existe uma imposição, determinada pelo Cmt. da D. C., sobre os contatos a estabelecer com a Deseoberta Aérea, em condições de tempo e espaço bem definidas. Póde pois concluir:

"Utilisar, para a remessa das informações colhidas, a Deseoberta Aérea, nos pontos de contato já previstos; caso estas ligações não possam ser efetuadas, por qualquer circunstancia, lançar mão de um agente de transmissão; em ultima instancia utilizar o T. S. F.."

EM PRESENÇA DE FORÇAS SUPERIORES:

1) — Manobrar em retirada segundo o proprio eixo de marcha:

Manobrar em retirada significa oferecer resistencias sucessivas á progressão do inimigo. Em outras palavras, escolher linhas do terreno onde essas resistencias se tornem possiveis. Será do estudo do terreno que esta conclusão advirá.

2) — Esforçar-se por manter até as 10 (dez) horas do dia D., a linha: L. Bragança-A. Pinto.

Este termo da missão obriga o Cmt. do Destacamento a tomar um interesse capital pela pösse desta linha. E' uma condição ligada ás imposições da missão recebida pelo Cmt. da D. C. (estar senhor da linha Vasconcélos-Passo da Armada). O exame do terreno e das possibilidades dos meios vai permitir ao Cmt. do Destacamento adaptar um dispositivo capaz de cumprir esta parte da missão.

EM FIM DE JORNADA: manter a linha A. Pinto-L. Bragança

Esta parte da missão representa quasi que um minimo para o Cmt. do Destacamento. Pressupõe a não intervenção de elementos fortes do inimigo na jornada do dia D.. E' consequentemente uma situação mais aliviada para o Destacamento.

Trata-se ainda de adotar um dispositivo perfeitmente adaptado ao terreno. Será pois do exame do terreno e das possibilidades dos meios que este dispositivo surgirá.

TOMAR LIGAÇÕES COM A DESCOBERTA AÉREA:

1) às 7 horas na região do entroncamento 10 kms. SW do passo de São Borja,

2) às 8hs.,45' na linha A. Pinto-L. Bragança.

Estas ligações exigem uma série de medidas de ordem técnicas. Representam por isso algum tempo. Pode pois o Cmt. do Destacamento concluir:

“Chegar a estas linhas em tempo de tomar essas ligações; elas exigem uma série de medidas de ordem técnica.”

B) — O INIMIGO:

Onde se acha? quando e como? de que se trata?

“Importantes forças de Cavalaria Vermelha foram assinaladas pela Aviação, hoje (dia D—1) às 18 horas em Sant’Ana e Marco Marechal”.

1) — Onde se acham estas forças? — a cerca de 130 kms. de Posto do Marco onde se encontra o Destacamento. E, ainda mais, a situação nos diz que nenhum movimento foi assinalado até esta hora a L. da fronteira dos dois partidos.

2) — Examinemos as suas possibilidades:

a) — Poderão marchar á noite: pouco provavel. Trata-se de importantes forças. Vão penetrar em territorio inimigo com desconhecimento absoluto do terreno. Além disso, com possibilidades de encontro com elementos adversários.

b) — Poderão marchar ao clarear do dia D.: perfeitamente possivel. Nesse caso, admitindo-se o inicio deste movimento por volta das 5 ou 6 horas (quando o dia clareia) para o grosso destas forças, em fim de jornada, estariam atingindo guardando uma certa margem de segurança para o Destacamento, neste exame, a linha A. Pinto-L. Bragança.

Para os elementos mais fracos (naturalmente as suas Descobertas), que possivelmente sairão mais cedo, poderemos admitir as possibilidades de estarem atingindo, na primeira parte da jornada

do dia D., o córte do Rio Ibicuí (naturalmente os seus reconhecimentos).

Póde pois o cmt. do Destacamento concluir:

“Até o passo da Armada, isto é, até o córte do Rio Ibicuí, ha uma relativa segurança na marcha do seu Destacamento. Daí para W., o Destacamento terá todas as possibilidades de encontro com os elementos avançados da Cavalaria Vermelha.

Na jornada do dia D., ha poucas possibilidades de encontro com os fortes elementos do inimigo”.

C) — O TERRENO:

COM RELAÇÃO AO CUMPRIMENTO DA MISSÃO:

1) — Como se apresenta ?

a) — No sentido da profundidade:

— as distancias a vencer pelo Destacamento:

— Posto do Marco a Marco Marechal — cerca de 130 kms.

— Posto do Marco ao Passo de S. Borja ,cerca de 30 kms.

— Passo de S. Borja ao entroncamento SW. deste
passocerca de 10 kms.

— Do entroncamento 10 kms. SW. ao Passo de S.
Borja ao passo da Armadacera de 24 kms.

— Do passo da Armada á linha P. Pinto-L. Bragan-
ça 20 kms.

— Da linha A. Pinto-L. Bragança ao Marco Marechal 45 kms.

— quais as vias de penetração ?

— até o passo da Armada somente um se apresenta; percorre sensivelmente o interior da zona de marcha do Destacamento.

— a partir dali, este eixo se apresenta numa série de rocá-das que irão facilitar o cumprimento da missão.

— ha bons observatorios segundo este eixo? — destacada-mente não; entretanto, nas proximidades dos passos o terreno se apresenta com facilidades de observação sobre estes mesmos passos.

Poderemos pois concluir:

“As distancias a vencer pelo Destacamento representam uma dificuldade no cumprimento da missão. A mobilidade porém do Destacamento será o fator compensador destas dificuldades.

O unico eixo existente na zona de marcha do Destacamento representa uma facilidade para o cumprimento da missão. Reduz ao minimo a taréfa do Destacamento. As roçadas existentes favorecerão a manobra para vencer as resistencias que se apresentarem”.

b) — No sentido da largura:

— quais as linhas ou córtes do terreno ?

— Em primeiro plano se nos apresenta o corte do Rio Santa Maria. Ele vai exigir do Destacamento uma parada para a sua transposição. Na zona de marcha do Destacamento ele apresenta duas passagens: o passo de S. Borja e um outro mais ao N., um pouco excentrico. O primeiro está bem no eixo de marcha do Destacamento.

— Em seguida temos a transversal que cruza o eixo de marcha no entroncamento a 10 kms.SW. do Passo de S. Borja. Esta transversal vae permitir ai a ligação com a Descoberta Aerea.

— A seguir as duas passagens dos braços do banhado do Meio e do Rio Ibicuí, este ultimo apresentando um unico passo, o da Armada.

— Por ultimo, vemos umas 3 ou 4 transversais que poderão interessar ao Cmt. do Destacamento posteriormente.

Conclusões a tirar:

“O cóрте do Rio Santa Maria determina um primeiro lançamento para a marcha do Destacamento. O entroncamento a 10 kms. SW. do passo de S. Borja, o segundo pois aí se fará a ligação com a Descoberta Aérea. E', aliás, uma imposição da missão. O passo da Armada representa um terceiro lançamento. Os demais serão condicionados ás informações do inimigo”.

Se estes cortes do terreno representam a marcha do Destacamento uma dificuldade, de outro lado, se o inimigo se manifestar, em forças superiores, e dentro da missão recebida, essas linhas facilitarão a ação retardadora do Destacamento.

COM RELAÇÃO AO INIMIGO:

1) — Como se apresenta o terreno ?

a) — **no sentido da profundidade:** até o passo da Armada o terreno apresenta varios caminhos secundarios o que vai dificultar

tar sobremodo a penetração dos elementos do inimigo em territorio adverso.

b) — **no sentido da largura:** o terreno apresenta, da mesma forma que para o Destacamento, as mesmas vantagens (linhas de roçada, cortes naturais do terreno, etc..)

Quando estudamos o fator missão, tivemos ocasião de salientar a questão de manutenção de uma determinada linha do terreno e fizemos referencia á oportunidade da conclusão (quando do exame do terreno). Agora que estamos no exame do terreno podemos colher os elementos necesarios a essa imposição da missão.

Trata-se de: manter até fim de jornada a linha A. Pinto-L. Bragança. Examinemos esta linha na carta: ela representa dois eixos de penetração para o inimigo. Em A. Pinto vem ter o eixo principal. Estas duas direções convergem na bifurcação 2 kms. SSW. de Bragança.

O Destacamento tem que **manter essa linha em fim de jornada.** Não se trata, é evidente, de estender o Destacamento, com todos os seus meios nessa linha do terreno. Trata-se de utilizar convenientemente esse terreno adaptando a ele um dispositivo que possa preencher a missão.

Duas são as direções perigosas. Duas portanto devem ser de inicio as preocupações do Caç. Cmt. do Destacamento. Ha porem uma terceira: de estar em condições de atender a qualquer uma delas, caso o inimigo surja, por uma ou por outra. E' a questão da sua reserva. Onde a sua colocação? examinando o terreno nesta linha vemos: a bifurcação 2 kms. SSW. de Bragança favorece, se collocarmos aí a reserva, atender a qualquer das direções citadas.

Temos pois o terreno comandando o dispositivo:

Concluimos pois:

“O Cmt. do Destacamento poderá prever, em função do terreno, da missão e das possibilidades do inimigo, um dispositivo articulado em dois nucleos de defesa com uma reserva em posição na bifurcação 2 kms. SSW. de Bragança”.

D) — OS MEIOS:

Quais os elementos de que dispõe o Cap.?

— de 1 Esq. T. Q. T. (menos 2 Pels.).

— de 2 Pels. A. M. D. R.

— de 1 Posto Radio.

São elementos heterogeneos é verdade mas que possuem sensivelmente uma certa equivalencia nas suas possibilidades. Examinmos entretanto essas possibilidades em face da missão recebida:

1) — **Para o 1.º lanço:** (até o corte do Rio Santa Maria)

Trata-se de uma marcha á noite. A questão de reconhecimento e de segurança é relativamente secundaria. O Destacamento se encontra ainda na zona de relativa segurança. Devemos pois ter a preocupação de manter grupados, pelas suas unidades os diferentes elementos.

Conclusão:

“Até o Rio Snta Maria manter grupados em suas unidades os diferentes elementos do Destacamento”.

2) — **Para os demais lanços:** haverá necessidade de articular o Destacamento de forma a permitir o esclarecimento das diferentes direções que porventura existirem á direita ou á esquerda do eixo de marcha.

Conclusão:

“Articular o Destacamento segundo as necessidades do cumprimento da missão e das imposições do terreno”.

— Quais as possibilidades de movimento dos elementos do Destacamento?

Já vimos que sensivelmente as mesmas para os elementos T.Q.T. e A.M.D.R.

A missão impõe que o Destacamento tome uma ligação com a Descoberta Aerea, na região do entroncamento 10 kms. SW. de Passo de São Borja; já vimos também que o Destacamento deve chegar ao passo de São Borja, para poder reconhecê-lo em segurança, por volta das 6 horas. Para saber qual a hora de partida basta par isso apreciar a distancia que o separa deste passo. São cerca de 30 kms. A razão de 12 kms. horarios á noite, temos cerca de 2 horas e 30' Deduzindo-se este numero de horas das 6 horas, em que ele tem que estar no passo de S. Borja ,temos finalmente:

“Partir com o Destacamento ás 3 horas e 30”.

Assentado assim o exame dos fatores da decisão poderemos agora concretisar esta decisão:

IV — A DECISÃO DO CMT. DO DESTACAMENTO DE DESCOBERTA N.º 2

1) — **Intenção:**

a) — considerar como zona de segurança relativa para a marcha do Destacamento o córte do Rio Ibicuí.

b) — executar um primeiro lança sobre as alturas que dominam ao L., o passo de São Borja, no Rio Santa Maria.

c) — estar em condições de tomar ligação com a Descoberta Aérea, às 7 horas na região do entroncamento 10 kms. SW. do Passo de São Borja.

d) — prever um segundo lança sobre as alturas que dominam a L. o passo da Armada, no Rio Ibicuí.

e) — estar em condições de tomar uma segunda ligação com a Descoberta Aérea, às 8 hs. 45' na linha A. Pinto-L. Bragança .

f) — prever o seguinte dispositivo, sobre a linha A. Pinto-L. Bragança, a manter em fim de jornada:

— dois nucleos de defeza:

— um em L. Bragança.

— um em A. Pinto.

— uma reserva, na região da bifurcação 2 kms. SSW de Bragança, em condições de atender a qualquer um dos nucleos de defeza.

2) — **Emprego dos meios:**

a) — **Eixo de marcha:** Posto do Marco-Passo de São Borja — Marco Marechal.

b) — **Dispositivo:**

— **para o 1.º lança:**

— grosso:.... 1.º Pel. A.M.D.R. (menos 1 patr.); 2.º Pel. A.M.D.R.; Esquadrão T.Q.T. (menos 2 pels. e 1 esq. do 1.º Pel.); Porto Radio.

— Vg.: Uma patr. mixta de: 1 patr. A.M.D.R.; 1 esq. T.Q.T.

— Retg.: Uma viatura A.M.D.R.

— **para o movimento até o passo da Armada:**

— grosso: 1 patr. mixta de 2 A.M.D.R. e 1 esq. T.Q.T. 1.º Pel. A.M.D.R. (menos 3 viaturas); 2.º Pel. A.M.

D.R. (menos 1 viatura); 1.º Pel. T.Q.T. (menos 1 G.C. e 1 esq.); 2.º Pel. T.Q.T.

— Vg.: 1 patr. mixta de: 3 A.M.D.R.; 1 G.C.T.Q.T..

— Rtg.: Posto Radio: 1 Esquadra T.Q.T.; 1 viatura A.M.D.R..

c) — Lanços sucessivos:

| Ns. | Linhas | horas | Observações |
|-----|--------------------------------------------------------|-------|--------------------------------|
| 1 | Alturas a L. do Passo de S. Borja, no Rio Sta. Maria.. | 6,00 | |
| 2 | Entroncamento a 10 kms. SW. do Passo de S. Borja.. | 7,00 | Ligação com a Descoberta Aérea |
| 3 | Alturas a L. do Passo da Armada, no Rio Ibicuí..... | 8,00 | |
| 4 | L. Bragança-A. Pinto..... | 8,45 | Lig. c/ Desc. Aér. |

d) — Início do movimento: ás 3 (tres) horas e 30 (trinta) minutos do dia D.

e) — Dispositivo para fim de jornada: (na linha A. Pinto-L. Bragança.)

— 1 patrulha de 1 G.C.T.Q.T. (do 1.º Pel) e 3 viaturas A.M.D.R. (do 1.º Pel.).

— posição: L. Bragança.

— missão: interdizer a estrada no passo sobre o arroio Florentino (estrada L. Bragança-A. Trindade).

— estenderá sua vigilancia até a região das cabeceiras do arroio a 4 kms. SW de L. Bragança.

— 1 patrulha de 1 G.C.T.Q.T. e mais 1 esquadra T.Q.T. (ambas do 1.º Pel.) e duas viaturas A.M.D.R.:

— posição: A. Pinto.

- missão: interdizer qualquer progressão inimiga no passo da estrada de marcha do Destacamento, sobre o arroio que vae de A. Pinto ao Rio Ibicuí.
 - estenderá sua vigilancia até a bifurcação a 5 kms. SSW. de A. Pinto.
 - **Reserva:**
 - composição: 2.º Pel. A.M.D.R.; 2.º Pel. T.Q.T. (menos 1 esquadra).
 - região a ocupar: entre a bifurcação 2 kms. SSW. de Bragança e a bifurcação de Bragança.
 - missão: estar em condições de atender ás direções de L. Bragança e A. Pinto; acolhêr esses elementos em caso de forçados pelo inimigo.
 - **Posto Rádio:** em posição em Bragança, reforçada a sua defesa por 1 esquadra T.Q.T. do 2.º Pel. T.Q.T..
-

A ENGENHARIA DE CORPO DE EXERCITO NA MARCHA AO INIMIGO

Tradução do Ten.-Cel. A. J. PAMPHIRO

Ora, que se iniciou na Escola de Estado Maior o estudo sistematico do Corpo de Exército, é de toda a oportunidade o artigo que apresentamos aos nossos leitores.

Trata-se de mais uma tradução do livro "L'EMPLOI DU GÉNIE", compendio das aulas professadas na Escola Superior de Guerra da França pelo Ten.-Cel. Saintagne, brilhante official de Engenharia, falecido quando dele muito ainda se poderia esperar.

Para boa compreensão do estudo, que ora publicamos, convidamos os leitores a lerem duas outras traduções do mesmo livro constantes dos numeros 262 e 269 desta revista, respectivamente dos mezes de março e outubro de 1936 — N. T.

A ENGENHARIA DE CORPO DE EX. NA MARCHA AO INIMIGO

(Cartas: AMIENS (1/200.000); CAMBRAI S. O. (1/80.000);
e AMIENS S. E. (1/80.000).

SITUAÇÃO GERAL:

A 25 de Agosto, a situação de conjunto dos Exercitos Azues é analogia á dos Ex. alemães em seguida á batalha das fronteiras.

O Alto Comando ordena ao 1.º Grupo de Exercitos (1.º, 2.º e 3.º exercitos), prosseguir sem treguas seu movimento ofensivo, para irromper rapidamente ao S. da linha PICQUIGNY, AMIENS, LA FERRETHEL, na direção geral de PARIS, o centro de gravidade entre o OISE e a MANCHA.

Com esse objetivo o 1.º Exército (ala Oeste do dispositivo) recebe a missão:

1.º) — marchar rapidamente para desbordar as forças vermelhas, que operaram a Oéste do SAMBRE e que se retiraram para Sudoéste;

2.º) — Apoderar-se, logo que possível, das passagens do SOMME para desembocar ao Sul desse rio, antes que o inimigo tenha tempo de reconstituir as forças na ala esquerda de seu dispositivo.

— **Direção principal:** VALENCIENNES, CAMBRAI, BAPAUME, MOREUIL... Limite com o II Ex.: orla Léste da floresta de MORMAL, LANDRECIES, BOHAIN...

O Gen. Cmt. do I Ex. decide fazer sua manobra em tres phases:

1.º) — Desembocar da região de VALENCIENNES sobre a linha MARQUIEN, MARCOING, le MATELET; cobertura para ARRAS e DOUAI;

2.º) — Progressão para o SOMME DE PÉRONNE e BRAY-SUR-SOMME;

3.º) — Transposição do SOMME.

O dispositivo inicial compreenderá:

— em 1.º escalão de Oéste para Léste: os 2.º, 4.º e 3.º Corpos de Exército e 1 Divisão do 9.º;

— em 2.º escalão — o 50.º Corpo de Exército a Oéste e o 9.º a Léste.

SITUAÇÃO PARTICULAR DO 4.º CORPO DE EXERCITO (Croquis n.º 10).

A 25 de Agosto o grosso do 4.º C. Ex. atingio a linha TRITH-SAINT LEGER, QUERENAING.

Ele pregredirá o mais rapidamente possível, segundo o eixo CARNIÈRES, MARCOING, COMBLES, ROSSIÈRES EN SANTERRE, em ligação a Oeste, com o C. Ex., que marchará em escalão recuado, sobre a direção de BAPAUME.

A' sua frente (como também para o 3.º C. Ex.) marcharão destacamentos de perseguição, avançados o mais possível, afim de não dar tempo ao inimigo para fazer destruições.

Linhas do terreno a atingir:

a 26 — THUN-SAINT MARTIN, SAINT WAAST;

a 27 — MOEUVRES, VANCELLES;

a 28 — BAPAUME (NURLU);

a 29 — a linha do SOMME. Essas linhas em média e em linha reta distam entre si 16 km.

I — AS MISSÕES DA ENGENHARIA DO CORPO DO EXERCITO

Na situação atual do IV C. Ex. quais serão as missões da Engenharia de Corpo de Exército, de 26 a 29, no período da marcha para o SOMME ?

Para estabelecer as consideraremos o conjunto dos trabalhos que poderão caber á Engenharia do Corpo de Exército: Engenharias Divisionarias e Engenharia de Corpo.

Trabalhos eventualmente necessários: — Não ha trabalhos de fortificação, nem de instalação.

As missões da Eng. são unicamente missões de comunicações. Seu objetivo será:

— transpôr ou contornar os obstaculos materiais que o inimigo terá creado nas estradas de marcha indispensaveis ao C. Ex.;

— assegurar em seguida a conservação da rêde de estradas, pelo menos nos trechos que o comando julgar necessários, para a execução dos movimentos e dos transportes.

As primeiras missões são eventuais, aparecerão, talvez, dia a dia, á medida da progressão, si a busca longinqua das informações não as tiver revelado mais cedo.

As missões de conservação são permanentes, para todos os dias, mais ou menos importantes conforme as intemperies. Assim a Engenharia do Corpo de Exército terá:

— missões eventuais de reparação de estradas;

— missões quotidianas de conservação.

Além disso o Cmt. da Engenharia fará previsões e preparativos para a transposição do SOMME.

A) — PREPARAÇÃO DAS COMUNICAÇÕES

Hipotese a fazer: As missões de reparação são uma função das destruições do inimigo.

A esse numero é preciso somar 1 a 2 Cias. de Eng., destacadas com a Infantaria das Divisões para ajuda-la na transposição. Ora, a Eng. do C. ex., compreendida a das divisões e a de Corpo, tem apenas seis companhias. (2 Cias. por D. I., 2 por C. Ex.).

Conclue-se, portanto, não ser possivel a reparação de todos os itinerarios que atravessam o ESCALDA. O programa deve ser reduzido, por exemplo, apenas a 3 itinerarios, o que parece suficiente para o avanço do C. Ex.. Assim os trabalhos poderão ser feitos com cinco Companhias de Engenharia.

Uma Cia. para as crateras, tres para as pontes e uma de acompanhamento para a Infantaria.

Por outra parte, iniciada a 27 (admitindo-se que tudo tenha sido previsto para isto), a construção das pontes de estacas n.º 1 não pode ficar pronta na manhã de 28; é um trabalho consideravel pois a construção de uma ponte desse tipo com 40 a 60 metros, pede 2 a 3 dias. No maximo poder-se-ia ter pontes para cargas até quatro toneladas. E' preciso que as pontes estejam terminadas antes dessa data, afim de que os trabalhadores possam, com seu material, atender ás crateras que poderão aparecer a Oéste do canal e do ESCALDA. De onde a necessidade de restabelecer as passagens provisórias por um processo mais rapido, isto é, pelo emprego da equipagem de pontes do C. Ex., sem falar dos meios de transposição leves necessarias á Infantaria.

TRANSPOSIÇÃO DAS DESTRUIÇÕES DO CANAL DO NORTE

As destruições previstas no canal do NORTE e vizinhanças serão encontradas nas jornadas de 28 e 29.

Atravez essa nova faixa de obstaculos, bastará prolongar os tres itinerarios julgados suficientes para a passagem do ESCALDA. A avaliação dos trabalhos provaveis para a travessia dessa faixa, conduz tambem ao emprego de cinco companhias de Engenharia. A equipagem de pontes não está disponivel por estar imobilizada no ESCALDA. (Tambem ela não poderia ser empregada, pois o canal, que não está pronto, é apenas uma trincheira vasia d'agua. Pelo menos assim o era; na região de HAVRINCOURT, na época da viagem de T. G. e E.M. de 1929).

E' preciso considerar a construção de pontes sobre suportes fixos e esperar, em consequencia, uma certa demora nessa linha.

Por outro lado uma Cia. de Eng. deve ficar no ESCALDA para a conservação e vigilância das pontes e para aí construir uma ou varias pontes fixas de substituição. Encontram-se, portanto, seis companhias empregadas durante esse periodo.

Resumo: — Na hipotese de destruições massiças, chegaremos para o periodo de 26 a 29 de Agosto inclusive as seguintes conclusões:

1.º) — Limitação a tres para o numero de itinerarios a reparar: decisão a tomar e escolha a fazer pelo Gen. Cmt. do Corpo de Ex.;

2.º) — Trabalho provavel para cinco, depois para seis Cias. de Engenharia e, sobre o ESCALDA, para a equipagem de pontes do C. Ex..

Segunda hipotese — Na hipotese de que o inimigo destruísse sómente as pontes, as quantidades de trabalho calculadas devem ser reduzidas do trabalho necessario ao contornamento das cratêras. Precisa-se então para o restabelecimento dos tres itinerarios de quatro, depois de cinco Cias. de Eng., continuando previsto o emprego da Eq. de ponte no ESCALDA nas condições anteriores para a construção das pontes provisórias.

Terceira hipotese — Enfim, si o inimigo nenhuma ou poucas destruições fez, o problema não terá dificuldades. As Engenharias divisionarias bastarão para a transposição das bréchas isoladas que apparecerem, cabendo á Eng. de Corpo reforça-las ou substitui-las, si a natureza e importancia de um trabalho particular o exigirem.

B) — TRABALHOS DE CONSERVAÇÃO — DADOS GERAIS:

No decorrer de uma operação rapida, como a considerada, a conservação das comunicações pelo Corpo de Ex. e a *fortiori*, pelas Divisões, só pode ser sumaria e localizada nos pontos criticos das estradas utilizadas.

O trabalho, aliás é função:

1.º) — Da circulação, que no caso considerado nada tem de excepcional;

2.º) — das intemperies.

A zona de conserva para a Engenharia de Corpo é limitada:

— na frente, por uma linha, fixada pelo Cmt. do C. Ex., além da qual o trabalho compete ás divisões, mas onde ele será praticamente nulo, as Engenharias divisionarias tendo de transpôr os obstaculos ou de progredir;

— na retaguarda, por uma linha fixada pelo Exército, que assegura a conservação aquem da mesma. (Serviço de estradas).

Meios a pôr em obra:

Para o 4.º C. Ex. os limites podem ser:

| Data | Limite Anterior (incl.) | Limite posterior (excl.) |
|--------|--------------------------------------------|--------------------------------------------|
| 26 Ag. | Estradas RAISMES, VALENCIENNES, BAVAI. | Estrada CONDE', QUIÉVRAIN, BAISIEUX. |
| 27 " | Estrada IWUY, RIEUX, ST. WAAST. | Estrada RAISMES, VALENCIENNES, BAVAI. |
| 28 " | Estrada GRAINCOURT, MARCOING, GREVE-COUER. | Estrada DONAI, CAMBRAI, Le-CATEAU. |
| 29 " | Estrada VELU, BERTINCOURT, FINS. | Estrada GRAINCOURT, MARCOING, GREVE-COUER. |

Com esses limites a zona de conserva do 4.º C. Ex. mede diariamente 15 a 20 km. de profundidade.

Sendo suficiente tres itinerarios trata-se de conservar 50 a 60 km. de estrada.

O efetivo teorico para a conserva deveria ser de 750 a 900 trabalhadores, isto é, 4 a 5 companhias; mas como foi observado não se trata aqui de conservação normal e continua, mas sim da conserva sumaria de trechos particularmente defeituosos. Assim sendo, sem duvida, duas Cias. bastarão, uma trabalhando na zona do dia, outra deslocando-se para a zona do dia seguinte (Devendo essa companhia fazer duas etapas, par ela devem ser previstos meios de transporte). Não são ainda necessarios os sapadores. Deve-se confiar esse trabalho aos pioneiros dirigidos, si necessarios, por graduados de Engenharia.

C) — PREVISÕES E PREPARATIVOS PARA A CHEGADA AO SOMME — SUA IMPORTANCIA

A 29 de Agosto, salvo imprevisto, o 4.º C. Ex. atingirá as vizinhanças do SOMME, com o centro orientado para as pontes de BRAY-SUR-SOMME e ECLUSIER.

E' de prever que o inimigo não abandone sem combate essa linha importante, cujas pontes destruirá.

Talvez ainda terá feito destruições, mais ou menos consideráveis, nas estradas ao W. do SOMME, com a intenção de retardar a chegada do C. Ex., ganhando assim tempo para a sua organização defensiva ou a retirada. Si, todavia, fôr vencido, poderá destruir ainda as estradas ao Sul do SOMME.

Essas previsões permitem contar com a presença de uma zona de obstaculos profunda e composta: uma faixa de destruições, depois o rio com seus braços, seus pantanos e seu canal lateral e a seguir outra faixa de destruições.

Restabelecimento das comunicações, transbordo da Infantaria, construção de pontes, depois de novo restabelecimento das comunicações, tais serão as missões de Engenharia. Não é prematuro nisso pensar-se com 5 dias de antecedencia, não para fixar detalhes, os quais sómente poderão ser determinados, quando já no SOMME, mas para concentrar meios, cuja necessidade já pode ser prevista.

O material: Entre esses meios figura a equipagem de pontes do Corpo de Exército. Como se viu, é possível que ela seja empregada a 27 no ESCALDA. Nesse caso, é preciso prever a substituição imediata das pontes de barcos pelas de estacas.

A Eng. de Corpo principiará esse trabalho e o C. Ex. pedirá ao Exército ajuda-lo, de forma a que as pontes estejam terminadas, mais tardar a 29 de Agosto. A equipagem de ponte, logo recolhida, poderá chegar a 30 na região de COMBLES, MARICOURT.

Mas um simples estudo sobre a carta, baseado sobre as observações que se pode ter com respeito ao obstáculo, mostra que, para, viva força, transpor o SOMME, sobre uma frente de C. Ex., na presença de um adversário entrincheirado, a equipagem de ponte do C. Ex., não será suficiente. A atenção do Exército deve então ser atraída para esse ponto, afim de que, em consequência ele regule os movimentos e a repartição de suas equipagens de reserva. Aliás com certeza espontaneamente o Exército já encarou a questão.

Além da equipagem de ponto a transposição prevista pedirá outros materiais: embarcações de fortuna, material para passadeiras, estacas, vigas, pranchões, taboas, fachinas, etc., os quais, é de esperar não sejam encontrados, em quantidade suficientes nos pontos de passagem. A busca ou, si fôr o caso, a fabricação, reunião, o transporte desses materiais são mais particularmente da tarefa da Eng. do Ex., que para isso é organizada. Entretanto, o Cmt. da Eng. do 4.º C. Ex. terá a prudência de não aguardar exclusivamente essa providência e de fazer procurar na zona de manobra, tudo que lhe parecer utilisável. Si não tiver meios para tudo reunir ou transportar, ele os assignalará a seu superior técnico, cuja tarefa assim será facilitada.

O C. Ex. não tendo Parque de Engenharia, o Cmt. da Engenharia poderá empregar nesses trabalhos, com as frações disponíveis das Cias. de Eng. em reserva, o destacamento de artífices e o material, que faz parte da Eq. de pontes.

O material — E' preciso, enfim, sempre, depois de um estudo sumário sobre a carta, prever a insuficiência da Eng. organica no SOMME é, como para as equipagens de reserva, pedir reforço ao exército.

QUADRO SINOTICO DAS MISSÕES

O quadro abaixo resume a discussão precedente:

| MEIOS DE ENGENHARIA PREVISTOS (incluida 1 Cia. com as Vg.) | | | | A fornecer pelas D. I. | MISSÕES DA ENG. ^a DE CORPO |
|------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------|----------------------|------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| REPARAÇÃO DAS COMMUNICAÇÕES | CASO DAS DESTRUIÇÕES MASSICAS | Faixa do ESCALDA 27-28 Agosto | 5 Cias Eq. Pnt. | 4 Cias | A 1a. Cia. e a Eq. Pnt. reforçam as Eng. divisionarias. Terminadas as pontes de barcas, a 1a. Cia. começa as pontes de estaca. 2a. Cia em reserva. |
| | | Faixa do ESCALDA 28-29 Agosto | 6 Cias Eq. Pnt. | 4 Cias | 1a. Cia. e Eq. Pnt. ficam no ESCALDA. 2a. Cia reforço as Eng. Divisionarias. |
| | | 29 Agosto | | 4 Cias | 2a. Cia em reserva. 1a. Cia e Eq. Pnt. deixam o ESCALDA e marcham para COMBLES. |
| | Caso das destruições reduzidas aos pontos de passagem de Obs. nat. | ESCALDA 27-28 Ags. | 4 Cias Eq. Pnt. | 4 Cias | Eq. Pnt. reforça as Eng. Div. 1a. Cia começa as pontes de estacas 2a. Cia. em reserva. |
| | | Canal 28-29 Ags. | 5 Cias 1 Eq. Pnt. | 4 Cias | 1a. Cia. e a Eq. Pnt. sobre o ESCALDA. 2a. Cia. em reserva. |
| | | 29 Agosto | 5 Cias 1 Eq. Pnt. | 4 Cias | 2a. Cia. em reserva. 1a. Cia. e Eq. Pnt. deixam o ESCALDA e marcham para COMBLES. |
| | Pouca ou nenhuma destruição | 27-28-29 Agosto | | 4 Cias | Toda a Eng. de Corpo está em reserva. |
| | Conser- vação | Alguns graduados da Eng. enquadra- da 2 Cias. aux. | | | Fornecer os graduados para o enquadramento. |
| | Previsões e preparativos | Destacamentos de Eng. | | | Fracção das Cias. reservadas ou da Cia. immobilizada no ESCALDA. Destacamentos da Eq. Pnt. |

II — OS MEIOS DA ENGENHARIA:

Pessoal — As unidades de trabalhadores necessários para os trabalhos previstos foram calculadas na proporção de um sapador para um auxiliar, excepto para a conserva da rede de estradas, que será feita por duas Cias. de auxiliares, enquadrados por alguns graduados de Engenharia. Para isso será preciso pôr á disposição do Cmt. do C. Ex. um batalhão inteiro de Infantes-Pioneiros.

Material: Além da equipagem de pontes a 1.^a Cia. do C. Ex. carecerá na ESCALDA de material para a construção de ponte de estacas. Talvez encontre esse material nas proximidades dos pontos de passagem a restabelecer. Talvez tenha de toma-lo a distancias maiores ou menores. Afim de que ela possa transporta-lo, é preciso algumas viaturas das Cias. do trem, por exemplo, 5 viaturas hipomoveis (capacidade de transporte 6 a 7 toneladas) ou 2 a 3 caminhões. Além disso a Cia. poderá utilizar as viaturas da Eq. Pnt. quando o material estiver em serviço.

III — DISPOSITIVO DA ENGENHARIA DE CORPO — AS TROPAS:

O estudo das missões da Eng. de Corpo conduzio-nos ás conclusões seguintes: — no caso de destruições massiças ou reduzidas, 1 Cia. de corpo e a Eq. de Pnt. intervirão nos dias 27, 28 e 29 de Agosto para o rstabelecimento das pontes sobre o ESCALDA; no caso de destruições massiças sómente a 2.^a Cia. intervirá a 28 sobre o Canal do NORTE; nos demais casos ficará reservada.

— Como colocar esses elementos no dispositivo de marcha do C. Ex., afim de que eles fiquem em condições de cumprir suas missões sem demora?

E' um problema de Estado Maior, que aparecerá diariamente. Estudemo-lo, para exemplo, para a jornada de 27 de Agosto:

A ordem do C. Ex. (feita no decorrer da viagem de Tactica Geral de 1929) diz em essencia:

“Direção geral: CARNIERES, MARCOING, COMBLES. Movimento dos grossos cobertos por destacamentos leves de perseguição com a missão de progredir até ao Canal do NORTE”.

“No caso de encontro com o inimigo esforço segundo o eixo CARNIERES, MASNIERES, METZ-EN-COUTURE”.

“Divisões juxtapostas tendo para frente de direção respectivamente: HAVRINCOURT e LE PAVE’.

“A’ direita, a 7.^a D. I. utilizará os itinerarios:

I — IWUY, THUN, L’EVEQUE, RAMILLIES, CAMBRAI (Oéste), FONTAINE-NOTRE DAME.

II — IWUY, CAMBRAI (Centro), CANTAING.....

III — IWUY, NAVES, CAGNONCLES, CAMBRAI (Léste), MARCOING, RIBÉCOURT.

“A’ esquerda a 8.^a D.I. utilizará os itinerarios:

IV — QUERENAING, AVESNES-LES-AUBERT, COUROI, AVOINGT, MASMIERES LE PAVE’.

V — St. AUBERT, BOUSSIERES, CATTENIERES, SERAIN-VILLES, CREVE’COURT, etc....”

Com exceção do primeiro, esses itinerarios atravessam o ESCALDA. No caso de encontrarem-se serias destruições dois d’entre eles deverão confundir-se sobre o rio, aparentemente o II e o III.

As pontes sobre o ESCALDA serão restabelecidas em MARCOING (ou CANTAING) em MASMIERES e em CREVE-COURT, etc.....”

E’ nesses pontos que deverão intervir a 1.^a Cia. de Eng. de Corpo e a Eq. Pnt.. Em consequencia, seu lugar parece dever ser, no inicio do movimento, na **testa ou perto da testa dos elementos da 7.^a D. I.**, utilizando o itinerario n.^o III.

Assim passarão na orla Léste de CAMBRAI, de onde poderão ser facilmente orientados para os locais de emprego.

A 2.^a Cia., constituindo nessa jornada a reserva, poderá ser chamada a reforçar qualquer uma das Eng. Divisionarias ou 1.^a Cia. do Corpo. **Seu lugar, portanto, é tambem no centro do dispositivo. Para comodidade do comando ha interesse de junta-la ao grupamento formado pela 1.^a Cia. e a Eq. Pnt.**

Com as Cias. marcharão tambem os pioneiros e os meios de transporte que lhes são atribuidos.

A partir de um ponto determinado pelo Corpo de Ex. o movimento será regulado pela 7.^a D.I.

Os reconhecimentos — A Eng. de Corpo está assim em um dispositivo de expectativa. Das tres hipoteses consideradas importa

saber, o mais cedo possível, qual a que se apresentará. Os reconhecimentos técnicos da Engenharia o dirão.

As Engenharias divisionárias farão naturalmente marchar reconhecimentos com os destacamentos de perseguição sobre os itinerários previstos. E os relatórios desses serão transmitidos ao Cmt. da Eng. do C. de Exercito.

Mas, devido ao estado precário das transmissões nos períodos de movimento, a Eng. de Corpo andará bem avisada si enviar seus próprios reconhecimentos nas direções onde seu emprego é previsto.

Esses reconhecimentos terrestres deverão, aliás, ser precedidos pelos reconhecimentos aéreos, á vista e fotograficos, que fornecerão, si fôr o caso, informações interessantes sobre as destruições operadas pelo inimigo.

Conclusão: — Resta traduzir em ordem os resultados da discussão precedente.

Assim, a ordem geral de operações do 4.º C. Ex. para a jornada de 27 de Agosto prescreverá:

— A' Aeronautica, reconhecer ao alvorecer os itinerários que atravessam o ESCALDA e, mais tarde, os que atravessam o Canal do NORTE afim de assinalar e fotografar as destruições eventuais;

— ás Divisões, fazer seguir com os destacamentos de perseguição reconhecimentos de Eng. e frações de Eng. de intervenção imediata para reconhecer os obstáculos creados pelo inimigo sobre os itinerários, cuja utilização é prevista, e iniciar as reparações respectivas.

No caso de destruições sérias, eles se limitarão á reparação dos itinerários II (ou III), IV e V.

— á Eng. de Corpo enviar reconhecimentos seus ás frentes e levar seus meios a um ponto do itinerário n.º III, a partir do qual seu movimento será regulado pela 7.ª D. I., até CAMBRAI.

A ordem fixa ainda os limites das zonas de conservação das estradas pela D. I. e a Eng. de Corpo e os meios suplementares (trabalhadores e meios de transporte) atribuídos a este último.

NOTICIARIO E VARIEDADES

ASSUNTOS HISTORICOS

FORMAÇÃO E EVOLUÇÃO POLITICA DAS MONARQUIAS MODERNAS

França — Espanha — Portugal — Inglaterra

Cap. NELSON SAMPAIO

Do Collegio Militar

Depois que a invasão dos barbaros quebrou a unidade imperial do mundo e mais tarde se consumou a partilha do imperio de Carlos Magno pela mediocridade dos seus sucessores, pela colica desenfreada e pela pressão de novas invasões, a alta Idade Media se caracteriza por uma mentalidade definidamente contraria a toda centralização do poder. Pouco a pouco, porem, vai se elaborando uma nova ordem de ideas é da ultima fase da evolução medieval que vão desabrochar as nacionalidades modernas, as linguas nacionais substituindo pouco a pouco o latim, e vai ruindo o preconceito da necessidade e da justiça da escravidão, tão arraigado na sociedade antiga, batido e afinal eliminado pelo conceito cristão da igualdade e liberdade de todos os homens.

FEUDALISMO

Estabelecido o regimen feudal como uma necessidade historica, epoca de transição entre a unidade politica antiga e o primeiro desabrochar dos estados nacionais modernos, uma prolongada luta se estabelece: — de um lado, a herança libertaria do germano, sentimento alçado a um grau elevadissimo, e do outro, a corrente da tradição romana, constituida sobretudo nos meios ecclesiasticos, cujo ideal politico era a antiga unidade imperial, que mais objetivamente lembrava o sentido do corpo mistico e unificado — do CRISTO e de Sua IGREJA.

PRIMEIROS SINTOMAS DO IDEAL NACIONAL

— A' extrema confusão politica e social predominante por largo periodo no palco agitado da Europa occidental, abalada por ininterruptas e violentas lutas, vai sucedendo uma reacção salutar e dirigida em sentido contrario, tendente a restringir o arbitrio dos poderes isolados do regimen feudal por um poder central, monarchico. São os primeiros sintomas do ideal nacional. Extrema confusão foi a primeira herança do TRATADO DE VERDUN (842), que apenas teve o merito de desencantar os ultimos sonhadores da unidade imperial de ROMA, pois bem longe ainda estava a esperanza de que aquele caos gerasse as nações poderosas de hoje. A desenfreada cobiça que presidiu a partilha do legado carolingio, foi o germen das patrias modernas.

A partir do século XIII o regimen feudal, de concessão em concessão, vai cedendo o passo á offensiva da realza ainda bruxuleante, embrionaria e mesquinha, ás reivindicações comunais, que na **França**, sobretudo, se fazem sentir mais poderosas e perfeitamente definidas. A partir dos reinados de **Luis VI** e **Luis VII** a autoridade real, a golpes de audacia e de astucia, vai progredindo e com ela, o patrimonio da corôa, a qual, aliada ás comunas, procura por todos meios quebrar a arrogancia e os ares de onipotencia dos senhores feudais.

CARTAS COMUNAIS E AS CRUZADAS

A outorga das liberdades e franquias comunais incentiva o movimento de emancipação das cidades, restringindo cada vez mais o dominio e a riqueza imobiliaria do feudalismo. Paralelamente, os resultados morais, sociais e politicos das **Cruzadas** criaram uma mentalidade propicia para a formação do ideal de centralização monarchica, e onde muito bem se instruíram os principes do tempo. Multidão de nobres foi sacrificada ao ardor da fé, ao sentimento cavallheiresco, ao amor á aventura ou á ambição e, não pequeno foi o numero daqueles que, regressando arruinados pelas dividas, alienaram seus bens em favor de vassallos, em favor da burguezia em formação, ou mesmo caíam na orbita de ação da crescente e prospera realza. "A Igreja recomendava sempre a emancipação dos servos como uma boa obra e certos senhores, por necessidade de dinheiro, vendiam a liberdade a seus

servos que se tornaram assim, trabalhadores livres, podendo casar-se e transmitir seus bens como bem lhes aprouvesse. A taxaçaõ arbitraria era substituida por uma taxa fixada por contrato, capitaçaõ abonada. **Porque a experiencia havia demonstrado que o trabalho livre era duas vezes mais produtivo que o trabalho servil**". Os campos se enriqueciam e a riqueza engendrava a liberdade. A liberdade arrancada ao senhor feudal levava a uma aproximaçaõ da realeza, que se consolidava com esse continuado movimento emancipador.

Isso foi fato corrente em todos os rineõs da **Europa** catolica e feudal.

A POLITICA DOS CAPETINGIOS

Na **França**, onde mais caracteristica se mostra essa ordem de coisas, com **Felipe Augusto**, o poder real se fortalece cada vez mais em detrimento da feudalidade. A politica desse grande monarca, tão fiel e habilmente seguida posteriormente pelos Capetos diretos, e donde lhes adveio o milagre do seu bom exito, foi uma politica de aproximaçaõ do povo, do camponez e da pequena burguezia, de proteçaõ ao pequeno contra as exações dos grandes.

Dá-se então uma intromissão mais direta na vida intima, na economia interna do feudo, cujos costumes e leis vai **Felipe Augusto** modificando em proveito á sua ação centralizante. O proprio direito de guerra, o direito feudal por excelencia, é restringido pela "Quarentaine le roi", "La Sauvegarde" e "Le Pariage" tres instituições avisadas que permitem, desde então, o dominio da feudalidade pela realeza, e dão ao monarca a possibilidade de aplicar estritamente seus direitos de suzerano supremo.

Esta politica prossegue através a excepcional influencia moral e inconfundivel prestígio de **Luis IX**, o neto bemaventurado de **Felipe Augusto**. Saturando o ambiente em que vivia e reinava de respeito e de amor á justiça, contribuiu o grande rei canonizado pela Igreja, mais do que nenhum outro, para o fortalecimento do poder central. Sêde leal e rigido no distribuir a justiça e réto para com todos os teus suditos, sem desvios para a direita ou para a esquerda, ensinava ao seu filho mais velho. "A gloria de S. Luis, cruzado, justiceiro, arbitro da Europa cristã, foi uma

das forças da antiga monarquia franceza". O seu tempo foi chamado a idade de ouro. "Os Casos Reais" e o "Direito de Apelo" são outras instituições que se desenvolvem sob a ação de Luis IX, restritivas ainda mais das prerogativas e privilégios feudais, no que dizia respeito á distribuição da justiça que pouco a pouco vai sendo unificada e controlada pelo monarca.

Foi nesse ambiente moralizado que o francês cimentou a sua afeição pelo regime monarquico, tantas vezes demonstrado na historia e que a situação presente, máo grado as apparencias, de nenhum modo invalida.

EPILOGO DA GUERRA DOS CEM ANOS

Joana D'Arc levantando a França da sua prostração, reabilitando o sentimento de patriotismo, como que amortalhado pelo sofrimento, pela desgraça, pela fome; unindo os descrentes, os patriotas, os exaltados e os timidos num só partido de salvação nacional; sincretisado pelo mesmo ideal: — expulsar os ingleses *hors de la France*, marca mais uma etapa decisiva no campo moral e pratico da luta contra o estado local e feudal.

Dolorosa tinha sido a experiencia da guerra civil e fundo ficou na alma nacional a aliança do borguinhão com o inimigo.

As companhias de ordenança, origem do eército permanente, fundadas por Carlos VII, formadas pelas elites comunais, "soldados tão nobres e desinteressados como os de Roma, na gloriosa e heroica fase de defesa do seu primitivo patrimonio"; a organização da artilheria, pelos irmãos *Bureaux*, são verdadeiros golpes desferidos nas raizes já vacilantes da velha instituição.

"Os canhões custavam caro; só o rei era bastante rico para construí-los ou obte-los; assim a artilharia contribuiu, tanto como as ordenanças, para arruinar a feudalidade (A. Baudrillart). Foi daí que nasceu a disputa dos meritos que se arrogam cavalerianos e artilheiros. Da velha feudalidade havia desabrochado, como fruto opimo, a cavalaria.

OS APANAGIOS

Luis XI, no seu longo duelo contra a nobreza arrogante e indisciplinada, arruinando a Casa de Borgonha, deu-lhe o golpe de misericórdia. Da herança de Carlos o Temerario não surgirá, por

certo, contra a corôa dos descendentes de **Hugo o Capeto**, nenhum perigo que não seja vencido com relativa facilidade.

O feudalismo de apanagio, que teve no orgulhoso duque, o centro da terrível ameaça contra a realeza de França, entra em declínio no mesmo dia em que os suíços, abatiam aquele que sonhava reconstituir o reino de Lotário. **Luis XI**, o mais genial rebento dos Valois, ramo colateral dos Capetos, máo grado o génio autoritário, máo grado as tortuosidades da sua alma de moral contraditória, mas acima de tudo animado de um espirito cheio de amor á grandeza de sua patria, de quem foi um dos mais denodados artifices "durante vinte anos consumou as suas obras, arrojando, esmagando, estrangulando, triturando entre seus dedos de ferro grandes feudatarios de Borgonha, de Bretanha, de Anjou, de Provença; pequenos senhores em seus castelos fortes, grandes senhores mitrados; burguezes da cidade, conselheiros dos parlamentos, escolares das universidades, principes rebeldes e ministros indoceis.

Tudo que fazia obstaculo á corôa, privilegios e direitos, liberdades e abusos, ligas e corporações, tudo seria varrido. O rei, só, deve levantar a cabeça" (L. Madelin).

Os remanescentes do feudalismo de apanagio estavam por demais ligados ás vantagens, proveitos e propinas que promonavam de Paris, e os tristes exemplos de reacção posterior ficaram apenas como dolorosos episodios, tal o do Duque de Bourbon, vacilante entre o dever e o orgulho, que terá no tragico fim a justa paga devida aos traidores da patria.

O ABSOLUTISMO MONARQUICO

Ja **Carlos VIII** recebe uma França unida bastante para empreender as desastradas guerras da Italia. **Francisco I** já se mostra soberano absoluto, segundo a formula do direito imperial romano: "o que agrada ao principe tem força de lei". De um lado dizia **Francisco I** que era rei tão bom quanto seus predecessores e tendo estabelecido o Parlamento, poderia desfaze-lo e instituir outros, pois ele era o senhor a quem cabia aos parlamentares obedecer. Por sua vez o Parlamento, humildemente, afirmava, que sabia bem, ele, **Francisco I** estava acima das leis". Estava centralizada a monarquia. A obra dispersiva das guerras religiosas será reparada por **Henrique IV**. **Luis XIII**, sob a inspiração de

Richelieu, esmaga a nobreza que quer levantar a cabeça. Luis XIV, então, formula em toda a sua plenitude o principio do poder absoluto. "**Tenente de Deus**, a ele só cabe o direito de examinar sua conduta. Quem quer que nasceu súdito deve obedecer sem discernimento. Ensinava ao Grande Delfim que "como **senhores absolutos** os reis teem naturalmente a disposição plena e livre de todos os bens, tanto seculares como eclesiasticos, para deles usar como sabios economos, quer dizer, segundo as necessidades do Estado". "Longe de repugnar ao país estas ideas, pelo contrario, cansado então do horror das Frondes, tais principios pareciam tão naturais como legitimos".

ESPAÑHA

A **guerra santa** empreendida pelos arabes, etapa por etapa, estende rapidamente do Indus ao Atlantico o poderio muçulmano, abrangendo a Siria, a Palestina, as ilhas do Mediterraneo, o Egito e a Tripolitania. Após a batalha de Nehavend, arruinado o poder dos Sassanidas, ficam senhores do imperio persa, anexando a Mesopotamia, a Persia, a Armenia.

Dir-se-ia que o mundo inteiro ia sofrer a dominação do Islam.

Soara a vez da Europa sentir o peso da cimitarra. Toda a costa mediterranea da Africa é conquistada e cabe a um chefe herbere, Tarik, convertido ao Islam, empreender a conquista da Espanha. A tarefa foi facil.

FIM DA MONARQUIA VISIGOTICA

Enfraquecida, despedaçada pelas discordias; os muros de suas praças fortes caíam em ruínas. Em nenhum país pode-se contar, em proporção, maior numero de reis assassinados. Nas margens do Gaud-al-Lete o exército visigotico é desbaratado e o seu ultimo rei, Rodrigo, perece na peleja.

Oito anos mais de lutas isoladas e estava dominada a península. A mourama, vencidos os diques da resistencia, derramou-se pela península, inundando-a até os extremos limites. Algo, porém, restou da civilização cristã que não cedeu. Como pequenina semente, refugio da alma visigotica cristã, germinará mais tarde abundantemente.

REINO DAS ASTURIAS

Formara-se ao norte, nas montanhas asperas das Asturias, região atormentada e intransponível, um pequeno núcleo de resistência ao invasor, chefiado por Pelagio, fidalgo da velha nobreza toledana, cuja alma era da tempera do aço que saía das forjas romanas de Toledo. Este grupo destemido de bravos ia ensinar às gerações futuras como se luta e como se morre por uma idéia.

A RECONQUISTA

Era o início desta epopéia de fé cristã a — **Reconquista**. “Alguns cristãos se refugiaram nas Asturias, onde iniciaram uma ofensiva, da qual resultou, com a ajuda de outros núcleos e pela persistência da luta contra os sarracenos, as monarquias cristãs peninsulares do ocidente, pouco a pouco incorporadas a Castela”.

As sucessivas vitórias no pelejar constante são de surpreendente efeito. A Covadonga, seguem-se as vitórias de Lamego, Vizeu, Coimbra... O pequeno reino das Asturias se transforma no de Oviedo, e crescendo passa a denominar-se de Leão, após a conquista deste território. Mais tarde, porém, o centro, o coração da luta é Toledo, que se torna a capital dos domínios cristãos. Vários outros reinos vão surgindo e no começo do século XIV, constatam-se, entre outros de pequena importância, Leão e Castela, unidos desde o século XI, e ainda Navarra e Aragão. A celebre batalha de Navas de Tolosa, consequência da cruzada ocidental, cuja alma havia sido o grande Inocência III, marca um passo decisivo na **Reconquista**, unindo em harmonia de vistas a grande maioria dos príncipes cristãos, cuja animosidade anterior tanto concorrera para retardar a expulsão definitiva do sarraceno, senhor da península há séculos (711-1211).

A multiplicidade dos pequenos reinos cristãos, só bem mais tarde desaparece, para dar lugar á almejada unidade. Pouco a pouco são absorvidos por Aragão e Castela, que passam então a sintetisar o sentimento cristão desde cedo profundamente plantado na alma Castelhana.

Dividida, desmembrada, repartida, pelas vicissitudes de uma conquista violenta, agitou sempre a Espanha um ideal comum que foi durante oito séculos o traço de união entre rincões que

só o espaço separava. Contudo, formara-se na nobreza castelhana uma mentalidade libertaria nos campos da reconquista, contrario ao ideal de centralização monarquica, e por sua vez dura luta marcaria esta tarefa de unificação. Em Aragão e Castela, sobretudo, o poder do rei era muito limitado pelo das "Côrtes", assembleas eleitas e representativas de todas as classes. Em Aragão o "Grande Justiceiro" era superior ao Rei, e o poder de nobreza ainda era aumentado pelo das ordens militares, **Alcantara**, **Calatrava** e **S. Tiago**, organizadas á feição das antigas ordens militares das Cruzadas. As proprias cidades tinham suas franquias que remontavam ao seculo XI, datando da era de 1020 a celebre Carta de Leão, anterior á Magna Carta imposta a João Sem Terra, e que concedia ás municipalidades competencia administrativa e judiciaria. Com o tempo mais se afirmavam estes privilegios restritivos do poder real.

UNIÃO DE CASTELA E ARAGÃO

"Todavia, por sua longa luta contra os muçulmanos, a Espanha havia tomado consciencia da sua nacionalidade: todos os catholicos espanhois se sentiam concidadãos e irmãos; para eles a religião e a patria se confundiam; a unidade nacional devia nascer da unidade religiosa e esta será a obra de Fernando de Aragão e Izabel de Castela".

A união dos dois principes catholicos realizou enfim, em 1469, a aspiração universal da alma castelhana, após a fase gloriosa da Reconquista, e o Evangelho substituiu o Korão e a Cruz se alçou vitoriosa das montanhas veneraveis das Asturias aos torreões de Granada, ultimo reduto do infiel.

A politica de centralização que então se inicia, tem algo de semelhante ao que se processara em França. Fundada a monarquia os novos senhores da Espanha unida instituem uma intelligente politica de aproximação com a burguesia, privando a nobreza altiva de prerogativas tradicionais. Forte foi a reacção de uma classe cheia de privilegios e liberdades, alcançados nos campos da peleja tantas vezes secular. Contando com o auxilio das "Santas Hermandades", confrarias religiosas **doublées** de militares, os Reis Catholicos, com mão de ferro, restabeleceram a tranquillidade publica perturbada por violentos e continuados confli-

tos, decorrentes do descontentamento da turbulenta fidalguia, afeita á intermináveis guerras privadas, e da confusão interior. A situação da península era de extrema anarquia e um contemporaneo escreveu que "a maioria das cidades e dos povos de Espanha sofriam a ação de uma multidão de ladrões, assassinos, bandidos, sacrilegos, vagabundos, aventureiros de toda a especie, que livremente cometiam crimes sem numero e toda sorte de crueldades. Como eles não temiam nem Deus nem Rei, difficil subtrair a seus assaltos a fortuna, o patrimonio, as mulheres, as filhas, etc. A qualidade e a audacia desses celerados era infinita. Uns usurpavam impunemente as magistraturas, outros caíam sobre as merdorias que se dirigiam para as feiras, sobre os viajantes e massacravam-nos; outros, enfim, mais poderosos, levavam sua ousadia até se apoderarem dos bens dos particulares e das fortalezas reais". As dificuldades se multiplicavam para tornar mais ardua e aspera a tarefa, de Fernando e Izabel. A unidade nacional estava condicionada á pureza da sua fé e da sua raça, considerando a mentalidade corrente de um povo que lutou heroicamente oito seculos por tão altos objetivos. Dois elementos fundamente radicados na península ameaçaram esse ideal comum: **Judeus e mulmanos**. Uns falsamente convertidos á fé cristã, outros poderosos para porem em perigo a segurança interior, ambos possivelmente ligados a elementos estrangeiros e inimigos da costa da Africa, são duramente manietados pela "Inquisição", tribunal especial, encarregado de buscar e punir os hereticos, considerados então como inimigos da Igreja e do Estado, que foi na Hespanha, antes de tudo uma instituição politica e nacional, submetida aos reis, e que, através o heretico, visava sempre o estrangeiro, inimigo da raça.

Esta foi a obra ingente que foi consumada integralmente, e uma vez conjurado o perigo da ação dissolvente da nobreza, dominada a anarquia interior, afastado o perigo eterior do estrangeiro, mouro e judeu, restaurado o poder real, este tende inevitavelmente para o absolutismo monarquico.

Contaram os grandes reis da Hespanha, sobretudo, com o conselho e a ajuda dos letrados, legistas de nascimento humilde, e que grandes, inextimaveis, devotados serviços prestaram á sua patria.

PORTUGAL

A unidade política de Portugal como nacionalidade constituída precedeu á da Espanha mais de 3 séculos.

O século XI foi o século heróico e glorioso por excelencia da Reconquista. Solicitadas pelo Emir de Sevilha, desembarcaram na península hordas numerosas de berberes fanaticos que iriam sobrepujar o elemento arabe propriamente dito. Foi o século que viu as façanhas memoráveis de Cid o Campeador; século que presenciou a peleja de numerosos nobres cruzados estrangeiros contra os mouros, entres eles avultando a figura de um neto do rei de França, D. Henrique de Borgonha, que, pela bravura e memoráveis feitos recebeu a mão da princeza D. Tareja, filha de D. Alfonso VI, illustre lei de Leão, e como dote o condado portugalense, constituido pouco mais ou menos pelo territorio atual entre o Minho e o Douro, tendo como capital a cidade de Guimarães. Desde logo procura o fidalgo francez aumentar seu dominio á custa do mouro e vai cuidando por outro lado de conquistar plena autonomia. E' a origem da pátria portugueza.

Morto D. Henrique de Borgonha, ficara o seu filho com 3 anos apenas. Os amores da viuva de Henrique com o conde galego Fernão Peres de Trava, levaram á revolta os fidalgos portuguezes, já ciosos do seu sentimento nativista. Em breve chefia o movimento o joven principe Afonso Henriques, filho do falecido conde de Borgonha, e do encontro de Guimarães resulta a vitória do filho e a prisão de D. Tareja. Toda a vida levou Afonso Henriques a pelear contra o mouro e contra a côrte leoneza. Sucessivas vitórias contra as hostes sarracenas permitem aumentar o território do primitivo condado. Recebe o epiteto glorioso e merecido de "Conquistador" e ao condado, que se constituira em reino, se incorporam a Alta Extremadura, Leiria, Santarem e com o auxilio dos cruzados do Norte se apodera de Lisbôa e mais tarde de Evora. Em 1143 Afonso VII de Leão reconhece D. Afonso Henriques como legitimo rei de Portugal, titulo mais tarde ratificado pelo Papa Alexandre III em 1179.

OS SUCESSORES DE D. AFONSO HENRIQUES

"A primeira dinastia de Borgonha chega até o fim do século XIV; está caracterizada pela conquista de territorios aos sarrace-

nos, pela colonização sistemática e pela organização administrativa". Ao Conquistador sucede D. Sancho I, que cuida do povoamento das suas terras; D. Afonso o Gordo retoma o ritmo das conquistas continuadas brilhantemente por D. Sancho II o Capelo, integrando nos domínios da monarquia, arrebatados aos mouros, grande parte do Alentejo e a bacia do Guadiana. Os seus sucessores grandemente tiveram de lutar com os nobres e o clero, avessos ao ideal de centralização monárquica. Estes dois relembram os dois primeiros reis, pela política de solidificação da monarquia. D. Dinis, D. Afonso IV, D. Pedro o Justiceiro, ilustres rebentos da primeira dinastia, por sua vez muito tiveram que transigir com a nobreza, ciosa dos seus fóros de independência e autoridade.

Com D. Fernando se extingue a 1.^a dinastia.

Sóbe ao trono a dinastia de Avis em 1385, quando a burguezia de Lisboa e do Porto, sob a chefia de Alvaro Paes e do Condestável D. Nuno Alvares Pereira, reage contra o elemento castelhano, que ameaçava a independência do reino, e, na jornada de Aljubarrota, vencem um inimigo cinco vezes mais numeroso. Vitória que "assinalou a anulação da cavalaria na península Iberica o que foi para Portugal a vitória da classe que havia de inspirar os descobrimentos e preparar a aparição dos **terços da infantaria castelhana** que haviam de dominar a Europa inteira". Fica a figura memorável de D. Nuno Alvares Pereira, herói de Aljubarrota, como uma das mais nobres figuras da história portuguesa, imortalizado pela bravura e pela santidade das suas excelsas virtudes.

A DINASTIA DE AVIS

D. João I, mestre de Avis, sem ter qualidades geniais, era contudo uma personalidade equilibrada, servido por uma admirável dose de adaptação ao meio. Os filhos teriam uma educação que iria pôr em evidência seus dotes naturais, educação recebida num ambiente cristão criado por D. Felipa, preceptora da Corte.

"Raras vezes em toda a História se observou uma realidade tão notável de um ideal completo de humanidade. A corte era então uma academia; os infantes eram cavaleiros, sábios e moralistas; D. Duarte o maior deles, minucioso e aplicado até o extremo, de escrúpulos já morbidos, estudou a ciência de reinar e a Moral, escrevendo o "**Leal Conselheiro**"; o segundo, D. Pedro, de cujas viagens já formava legenda, ajudou com eles a resolução dos pro-

blemas da Índia; estudou os moralistas e os geógrafos e compôs um tratado de Moral, acerca da "Virtuosa Benfeitoria"; o 3.º D. Henrique, reservado, tenaz e duro, foi o propulsor dos descobrimentos; Dom Fernando revelou no martírio as virtudes cristãs de que era capaz; de D. João não restaram obras que confirmem o conceito excepcional em que o tiveram. Camões nos "Luziadas", chamou-os de **inclita geração, altos infantes**". (Antônio Sergio).

Foi esta raça privilegiada de príncipes que assegurou definitivamente a unidade moral da pátria e a sua projeção excepcional. Sob o ponto de vista de política interna a nova dinastia inicia uma ação tenaz, visando o prestígio da realeza e a centralização do poder.

O PODER ABSOLUTO

A ação do monarca se faz sentir cada vez mais forte e decisiva solidificando-se á custa dos poderes locais e tende então a monarquia para a sua feição absolutista, ideal que se consubstancia em sua plenitude com D. João II, o Príncipe Perfeito. Este, de posse da Corôa, reivindica para o património real as usurpações anteriores da nobreza, suprime de vez as veleidades de reação contra a sua política centralizante. Pagaram com a vida, em trágicas circunstâncias, os duques de Bragança e de Vizeu, culpados de entendimentos com a realeza de Castela, contra a integridade da Pátria.

INGLATERRA

Circunstâncias especiais permitiram a Inglaterra chegar a um alto grau de organização política n'um tempo em que toda a Europa se debatia em plena confusão feudal. Província romana, passara para a dominação dos Anglo-saxões, quando as grandes invasões barbaras obrigam as legiões a evacuarem a Ilha da Bretanha. No século VI a organização da Inglaterra apresentava a figura de uma heptarquia, sem formar todavia uma unidade política.

Convertidos os Anglo Saxões ao cristianismo, por S. Agostinho, sob a inspiração do grande Papa Gregório Magno, tem o seu período aureo com soberanos notáveis como Alfredo o Grande (901). No século XI a invasão dos Danos domina a Inglaterra e tem o seu apogeu com Kanuto o Grande. Extingue-se o poder dinamarquez

e a corôa volta aos Anglo saxões na pessoa de Eduardo, o Confessor. A' morte deste, o duque normando Guilherme o Bastardo, disputa a corôa a Haroldo, príncipe saxão que é vencido e morto na Batalha de Hastings (1066).

A CONQUISTA NORMANDA

A batalha de Hastings deu a Guilherme o Conquistador a posse do trono da Inglaterra. Sagrando-se rei reserva para o domínio real a maior e a mais excelente parte da Conquista, e distribue, entre os componentes do seu exercito, sessenta mil feudos, tal era o numero dos aventureiros que acorrera ao seu chamado para a estranha cruzada. Vencedor, duro fôra para com os vencidos, despojando-os de quasi todas as suas propriedades e proibiu-lhes o uso de armas.

A disparidade da divisão territorial da Inglaterra, favorável ao patrimonio da Corôa, permitiu desde logo uma supremacia efectiva e eficiente do poder real sobre os poderes locais da nova feudalidade criada pela conquista. Vai sofrer, então, a Inglaterra, uma evolução politica em sentido contrario á da realleza franceza. Quando na França o Rei fazia pálida figura em face a poderosos senhores feudais, Guilherme queria ser obedecido como senhor onipotente e mantinha a feudalidade na mais adstrita dependencia da Corôa. Os condados inglezes, exiguos, dispersos através o territorio real, na maioria eram desprovidos dos direitos regalias: **fazer a guerra, cunhar moeda e distribuir justiça.** Em cada um dêles o verdadeiro chefe era um funcionário da Corôa o "sheriff", nomeado pelo rei, a quem dava conta da sua missão de vigilancia e de controle junto ao barão. Apresentava, assim a Inglaterra, em pleno seculo XI, na Europa feudal, a fisionomia da monarquia centralizada. Guilherme fez levantar um cadastro, ou inventário de todas as propriedades, por intermedio de comissarios encarregados de verificarem, em cada propriedade, o nome do possuidor, o numero de charruas, moinhos, extensão dos bosques, prados, valor presente da propriedade e no tempo do rei Eduardo. Este verdadeiro resenceamento conhecido, sob o nome de Domesday-book, (livro do juizo final); foi conservado nos arquivos nacionais ingleses".

E' um documento precioso, que não tem semelhante em qualquer outro paiz, o que permite conhecer o estado da Inglaterra na

idade Media, tão exatamente como se conhece o estado da França hoje". (Malet).

Morto Guilherme, a sua dinastia se extingue logo após; uma filha que sobreviveu casa-se com o duque d'Anjou, Godofredo Plantageneta, dando origem á dinastia angevina dos Plantagenetas, que tem em Henrique II o seu representante maximo; sendo ele o mais notavel monarca inglez da Idade Média. Perturbada andava a Inglaterra: — fez êle prevalecer a justiça, submetendo os altos barões que, influenciados pelas idéas correntes na Europa, procuravam fugir á soberania real. Apresenta-se então como um rei absoluto e bem assim o é o seu filho, o destemido Ricardo Coração de Leão.

Com João Sem Terra, porem, a fisionomia politica da Inglaterra muda e é nesta data que se firmam as liberdades inglezas com a Magna Carta.

A MAGNA CARTA

A feudade, até então submissa vai, porem, pouco a pouco, reagindo numa luta pertinaz contra o poder central.

João Sem Terra, duplamente vencido em Bouvines e Roches-aux-Moines por Felipe Augusto, vê se levantar contra si a nação inglesa, representada pelo clero, pela nobreza e pela burguezia. Formando o "Exercito de Deus e da Santa Igreja", os revoltosos entram em Londres e impoem ao Rei a assinatura da Magna Carta (1215) especie de constituição restritiva dos poderes reais.

Representava a Magna Carta uma vitoria da feudalidade, imposta ao rei pela força. Mais tarde, á reação real contra a Magna Carta, respondem os Barões com nova conspiração, chefiados por Simão de Monfort e impoem a Henrique III as Provisões de Oxford (1258), que vinha dar todo poder á nobreza. Forma-se então o Parlamento, e a Inglaterra caminha pouco a pouco para este regime moderno, o regime parlamentar. Nenhum imposto poderia ser lançado sem a participação do povo através os seus representantes no Parlamento.

Mão grado os erros de João Sem Terra, esse periodo é de consolidação da nacionalidade inglesa. A integração posterior (1536) do Paiz de Gales, sob o governo da Rainha Ana, e a união dos reinos da Inglaterra e da Escossia, permite a unidade territorial, constituindo-se, então, definitivamente o Reino da Grã-Bretanha.

A REAÇÃO MONARQUICA

Os desastres da quadra final da Guerra dos Cem Anos, quando então a Inglaterra perde todas as suas possessões na França, preparam, como consequencia, a guerra civil. A tragica guerra das Duas Rosas leva a aristocracia ingleza dos altos barões, tão ciosos das suas prerogativas, a uma terrivel dizimação, assegurando então á realleza poder excepcional. Para reabilitar as finanças Henrique VII Tudor, que assumira o poder, dando inicio a uma nova dinastia ingleza, usou largamente das **benevolencias** contra a nobreza, pela ação da Camara Estrelada e da **força de Morton**. "Para abrir a bolsa dos mais recalcitrantes, o celebre chanceler de Henrique VII Morton, tinha, diz-se, o seguinte dilema: "Tu gastas largamente, és pois rico e podes pagar. Tu gastas pouco, és economico, podes pois pagar". A desastrosa guerra civil aproveitou porem á realleza que se enriqueceu pelas usurpações. O parlamento é desprestigiado e quasi não é mais reunido sob o reinado de Henrique VII. Com feição absolutista, os seus sucessores, Henrique VIII e Izabel, não mais conhecem limites para o arbitrio de suas vontades soberanas.

"Os Tudors deviam reinar até 1603 e consolar a Inglaterra da perda de suas liberdades, pelo desenvolvimento das suas colonias."

OS STUARTS

A dinastica dos Stuarts, tão mal iniciada com o desastroso governo de Jaime I "o mais sabio imbecil da cristandade" como lhe chamava o seu contemporaneo Henrique IV, de mentalidade despótica e absolutista, vai ser testemunha e vitima de duas revoluções na segunda metade do seculo XVIII. A partir de 1625, com o advento de Carlos I, cheio das mesmas ideias absolutistas do pai, o ambiente politico e religioso da Inglaterra se inflama cada vez mais, e máo grado o Bill de Petição de Direito (1628), os ideais revolucionarios seguem o seu curso catastrophico, e a guerra civil estala em 1642, para terminar com a execução de Carlos I, e o estabelecimento da original republica **ditatorial** do Lord Protector Cromwell.

A RESTAURAÇÃO DOS STUARTS

Morto Cromwel, após um fecundo governo que fez crescer e agigantar-se o prestígio inglês, dá-se, com o general Monk, a restauração. Imbuídos dos mesmos ideais absolutistas dos seus antecessores, ideais tão contrários á mentalidade inglesa, processa-se nova revolução, designada com o epíteto de "Revolução Gloriosa" (1688) que destrona definitivamente os Stuarts na pessoa de Jaime II. Jaime III, fica apenas como o Pretendente. E' chamado ao trono um príncipe holandez, casado com a filha do ultimo Stuart, coroado sob o nome de Guilherme III, jurando antes o respeito á integridade da "**Declaração dos Direitos**", reedição das tradicionais liberdades inglesas, estabelecendo-se definitivamente o axioma de que na Inglaterra o rei reina, mas não governa. Com a dinastia de Hanover se estabelece definitivamente na Inglaterra o regimen parlamentar moderno, paradigma pra todas nacionalidades que adotaram igual forma de governo.

SECÇÃO DE ESTUDOS GERAIS

EDUCAÇÃO E SEGURANÇA NACIONAL

Conferência proferida na Escola de Estado Maior do Exército, em 27 de outubro de 1939, pelo prof. LOURENÇO FILHO, diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos.

O tema que nos é proposto demanda, pela sua natural gravidade, indagações de vária natureza.

Preliminarmente, de ordem histórica. Encarada de modo objetivo, a educação aparece como um dos processos pelos quais as sociedades exprimem a sua capacidade de vida, através do tempo. Ha de ser, pois, no tempo encontrada a sua legítima conceituação. Da mesma forma, a nação e a nacionalidade são produtos históricos, e mis recentes até do que vulgarmente se imagina. Desprezar a gênese das instituições, que as expliquem, será dificultar a compreensão de suas funções próprias e das relações que apresentem com o processo educativo.

E' certo que, ao aludir aos fatos, com o propósito de atinar com essa compreensão, já lhes daremos valor ou hierarquia. Não ha na história sem reflexo da filosofia, êsse vasto domínio de especulação, fascinante e perigoso. A semelhante fascínio, oporemos sempre que oportuna, a presença dos acontecimentos de agora, menos passíveis de discussão, porque mais ponderosos no seu imperio.

E, assim, se não chegarmos a exaurir o tema, tão denso de sugestões, nesta hora sombria do mundo, teremos situado, ao menos, alguns de seus principais aspetos, á luz da política e da técnica.

A EDUCAÇÃO, UM PROCESSO DE VIDA

Como conceituar a educação, para conveniente clareza do assunto a examinar ?

Muitas vezes os autores a têm definido pelos ideais que êles mesmos lhe atribuem. E' uma atitude pouco objetiva. Por certo que ha uma parte ideal na educação. Mas, os ideais vão e veem, no decurso da história. Constituem uma parte variável, que flores-

é sobre outra constante, e que se manifesta como a realidade a ser estudada.

Objetivamente considerado, o fenômeno da educação aparece como um aspecto de vida dos agregados humanos, desde os mais simples aos mais complexos. Atua sempre e por toda a parte, onde o convívio humano exista, sem que, para isso, necessite de uma atividade deliberada ou conciente. Onde quer que vivam povos, estados e culturas, observa Sturm, educam elas necessariamente a seus membros; a educação não está limitada á ação escolar, nem é exclusiva das idades da infância e da adolescência. E' mais extensa, sobre todos atua, e atua diferentemente, como ilustração e como disciplina, desenvolvendo os individuos e dando-lhes a configuração própria do meio cultural a que pertençam.

Como expressão de vida, a educação se apresenta para garanti-la, ampliá-la, aperfeiçoá-la nos seus contactos. No dizer de Butler consiste essencialmente no processo adaptativo do individuo ao seu ambiente, e no desenvolvimento de suas capacidades para modificar e dominar esse ambiente. Na adaptação, reside a força conservadora das instituições, a base da continuidade e da solidariedade humana, porque transmite os princípios e os métodos de defesa da vida, que a experiência já tenha selecionado como eficazes. Na capacidade de dominar e modificar o ambiente, manifesta a força de mudança e de progresso, que tenta sem descanso a revisão e o aperfeiçoamento daquelles princípios e métodos.

Uma função eminentemente conservadora e outra renovadora, ambas com um único e ineludível objetivo: o da defesa, o da segurança, o da expansão da vida. Em qualquer forma de educação, mais ou menos realista ou mais ou menos idealista, esse carater se apresenta como irreductível. Se aceitarmos, como queria Platão, que a educação tenha de ser o aperfeiçoamento do individuo, já teremos admitido a necessidade de sua sobreexistência e de sua segurança. Como, realmente, aperfeiçoar a alguém cuja vida não continue ou se exerça em sobressaltos?

Em qualquer concepção educativa, a realidade permanece: educar-se é buscar a segurança; educar é ensinar a segurança. A segurança no próprio individuo, pelo equilíbrio de suas tendências, desejos e aspirações; a segurança no grupo primário a que pertença; a segurança nos grupos maiores, onde esse grupo esteja inserto; a segurança, enfim, no organismo social mais amplo, que aos grupos referidos contenha.

Não demonstra outra coisa a análise do fenômeno educativo, através das épocas. E, quando os conflitos nele aparecem, outra coisa não encontramos também senão a luta entre os princípios e métodos de segurança, admitidos uns, pelo individuo, outros, pelo grupo ou diversamente adotados pelos vários grupos da mesma coletividade. Assim foi, em todos os tempos, e assim é no presente. Dir-se-á que, na idade-média, os extremos de uma educação ascética levariam o individuo á mortificação e, portanto, a insegurança. A observação seria superficial. A segurança, de que então se tratava, era a da vida futura, mais valiosa ao asceta que os bens da existência terrena. Nele dominava a idéia de segurar ou de "assegurar a felicidade eterna.

De qualquer forma, a educação, no seu mais amplo sentido, tem provido á garantia da existência individual aqui e além, e, por ela, á segurança das formas sociais de que seja expressão.

AS LIÇÕES DA HISTÓRIA

E' essa, na verdade, a mais clara lição da história. Mas não é a única.

Na evolução das instituições sociais verifica-se que, ou elas se harmonizam nos mesmos propósitos e, então, a segurança é comum e comum a educação; ou, ao contrário, as instituições entram em luta pela sua própria existência e expansão, e os processos educativos se diversificam, para atender ao choque dos interesses postos em jogo.

Nesta ultimo hipótese, ocorrem variadas consequências. Diante da luta e do perigo, ha maior coesão do grupo ao redor dos seus chefes. Reconhece-se a necessidade de punir o agregado, mesmo com a eliminação, desde que êle tente contra os interesses do grupo. A segurança individual cede aos interesses da coletividade, porque o individuo é transitório, e o grupo, permanente. Em certos casos, o chefe da familia tinha o direito de vida e de morte sobre os seus subordinados; noutros, o chefe da tribu, da horda, do grupo guerreiro mais amplo, da seita religiosa que a vários grupos submetesse; mais tarde, êsse direito passou ás mãos do cesar, do rei, do imperador.

No entrechoque dos interesses de defesa e segurança do individuo e do grupo, ou de várias parcelas da mesma comunidade,

de senso de previsão, preparam-se para combater os que permanecem na prática de uma educação obsoleta, para lhes tomar o lugar, assimila-los sem esforço, sujeita-los á dependência economica e cultural.

A educação ha de ser hoje, portanto, uma das mais sérias preocupações dos povos e ha de ser posta ao serviço da "reconstrução da experiência", para que possa continuar a servir á segurança. Deverá manter os valores fundamentais da raça, sem duvida alguma, aprofunda-los e estende-los a cada nova geração. Mas carecerá de estar tambem alerta aos novos sinais dos tempos. Na evolução dos povos, perceberemos sempre que uma relação necessária aparece entre "educação" e "segurança". E de tal modo que poderíamos dizer que a historia da educação poderia ser escrita em termos de segurança. Ou, de modo mais amplo, que a historia da humanidade, que é, afinal, a historia de sua segurança, porque nesta é que residem as condições de seu aperfeiçoamento, poderia ser escrita em termos de educação.

O ESTADO E A EDUCAÇÃO

Dissemos anteriormente que, no empenho da harmonia entre os vários agregados humanos, instituições mais amplas apareceram. E' tempo de salientar, entre elas, a posição do Estado.

Resultante da milenária coexistência humana, de todas as formas que essa coexistência traz consigo, e cuja ordenação o direito realiza, diz Fishbach, o Estado é a mais excelsa e importante. Isto não significa, acrescenta, que o Estado, em sua forma atual, como unidde coletiva dotada de auto-organização e de auto-determinação, represente a ultima etapa desenvolvimento. Mas a verdade é que, nos tempos atuais e deante dos problemas de segurança que se oferecem aos povos, ela é, sem duvida alguma, a força de direção e de contraste no mundo.

Qualquer que seja a concepção do Estado, o que lhe dá substancia, nos tempos modernos, é a associação de homens reunidos sob uma comunidade de interesses. A importancia dêsse elementos politico se evidencia na teoria que identifica, de modo absoluto, a Nação e o Estado.

Força é reconhecer, no entanto, que o Estado de base nacional, ou seja a politica das nacionalidades, é de data relativamente recente. A ideia central, que informa essa teoria, surgiu quando

Napoleão tentou submeter uma parte dos Estados europeus, no começo do século passado. Produziu-se uma natural resistência. E, para sacudir a dominação estrangeira, fez-se apêlo aos sentimentos de cada povo, naquilo que lhe fosse fundamental quanto á origem e instituições, isto é, quanto ao seu "espírito nacional". Esse espírito reivindicava para cada povo o direito de se governar, segundo os seus próprios interesses e aspirações, o que importava em afirmar também no direito de organizar a sua propria segurança.

Não será de admirar que só desde então se tivesse reconhecido ao Estado, de modo claro, a prerrogativa de educar, e que as organizações politicas cuidassem da educação popular, intensa e extensamente. A educação não deve ser vista como direito ou dever do Estado: é uma função natural, um processo de vida para a coordenação e defesa da Nação que êle represente.

Os esforços anteriores para a educação do povo tinham outro espirito: o religioso, expresso no movimento pedagógico da reforma e da contra-reforma, e o dos direitos do homem, provindo da revolução francesa.

Mas o mundo estava á procura de uma fórmula de segurança, e essa, consubstanciada na organização do Estado de base nacional, devia gerar, como gerou, a educação universal do povo. Na verdade, a educação, tal como hoje a entendemos, como dominante interesse por parte do Estado, só dos meados do século passado para cá, plenamente se afirmou, e não por outras razões.

A EDUCAÇÃO, O INDIVÍDUO E O GRUPO

A reflexão sôbre êstes fatos, tão claros, leva-nos a concluir, sem esforço, que a educação popular seja fruto da necessidade de segurança do Estado de "base nacional". Admitida a identidade da Nação e do Estado, a educação será função natural que os prolongue no tempo, incorporando cada nova geração á sociedade de que é sustentáculo, e influndo ainda sôbre as gerações de adultos, para a mais perfeita compreensão dos fins e dos destinos da comunidade que representam.

Nêsse sentido, a educação será a "socialização da criança" (Durkheim), a "implantação da cidadania" (Fichte), a "revisão da experiência social" (Dew). Negar êstes principios seria negar a evidencia. Com êles não se ha de pretender o despotismo do

Estado, nem a abolição das mais altas prerrogativas humanas, a se exprimirem numa personalidade livre e conciente. Mas o exercício dessa personalidade exige o equilíbrio das tendências e aspirações do indivíduo, com as do grupo social organizado, de que êle recebe a cultura e a segurança, os valores morais e os instrumentos de trabalho, a força da tradição e os elementos com que possam cooperar no progresso.

Como tão nitidamente escreveu John Dewey, "A educação é uma regulação do processo de participação na consciencia social. E a acomodação da atividade individual, sobre a base desta consciencia social, é unico metodo seguro de reconstrução dos costumes. Esta concepção leva na devida conta os ideais individuais e sociais. E' acertadamente individual, porque reconhece que a formação do caráter é a unica base legitima de uma vida digna. E' social, porque reconhece que êsse caráter réto não se forma tão só por preceitos ou exortações, mas sim pela influencia da vida coletiva sobre o individuo". Não está em opposição a essa maneira de ver George Kerschensteiner, quando afirma que "o fim da educação é formar cidadãos uteis para servir aos destinos da Nação e aos da humanidade".

Toda a moderna pedagogia procura por isso, refletindo as inquietações da politica contemporaneo, um mais equilibrado ajustamento dos interesses do individuo com os interesses e os fins do Estado. E', por isso, uma pedagogia de fundo social. Despoja-la de seu conteúdo coletivo seria faze-la perder todo e qualquer sentido. Justifica uma politica de educação, e aproxima estadistas e educadores, revivendo a maxima de Marco Aurelio: "o que não é util ao enxame não é util á abelha"...

O CASO BRASILEIRO

Localizemos, agora, em face das indagações e considerações precedentes, o caso brasileiro.

Nosso paiz surgiu á luz do mundo, quando se operavam os efeitos da reforma e da contra-reforma. Tornou-se Estado independente sob o influxo do movimento das modernas nacionalidades, mas devia sofrer ainda os efeitos directos da teoria agonizante das dinastias.

Se uma nação é um grupo de homens, vivendo em comunidade, tendo os mesmos costumes, as mesmas leis, a mesma lingua

e a mesma origem, nada nos devia faltar, desde o início, para uma autêntica organização nacional. Tendências naturais de agregação se operariam no sentido do processo educativo espontâneo, tendente a reforçar os liames da nascente sociedade. Reconhecemo-las, sem grande trabalho, nas agitações nativistas, nos movimentos que sucederam á independência, nas lutas do sul. Em tudo se reforçava a integração social, iniciada pela obra dos colonizadores que ensinaram a mesma língua, dos jesuitas que propagaram a mesma religião, dos pioneiros que alargaram o território, plantando aqui e ali os marcos de um mesmo espirito. A luta contra o invasor e a defesa contra os índios teriam também operado como fatores de agregação, pelas necessidades comuns de defesa e segurança. A guerra do Paraguai haveria, enfim, pelas mesmas razões, de fortalecer a consciência nacional.

Não se poderá obscurecer, porém, que em toda esta elaboração da fisionomia da vida e do caráter nacional, em muito pouco teria atuado uma política de educação, porque mal existem ainda. A história da educação brasileira, por largo tempo, quasi se resume na ação espontânea das forças naturais de agregação comunitária. Parecia aos nossos estadistas que poderiam bastar as relações de idioma, da religião, das tradições comuns. A educação intencional, conciente, planejada, num sentido nacional não chegou a tomar as formas da realidade.

O ensino primário, que no último quartel do século passado e nos primeiros decênios dêste, por toda parte, teve o mais notável desenvolvimento como "organização nacional" e, assim, de orientação de defesa e de segurança de cada povo — permanecia no paiz, desde o Ato Adicional de 1834, sob a ingerencia das administrações locais, cujos esforços, bem intencionados, mas dispersos, não chegaram a realizar a obra que desse ramo da educação se podia e se devia esperar.

O que às escolas teria dado uma feição comum "brasileira" seria menos a ação conciente e deliberada, que aquelas forças naturais de agregação a que fizemos referencia. Nem mesmo em consequencia de novas condições de vida, criadas pela intensa corrente imigratória do fim do século passado e do começo dêste, sentiram os nossos homens de Estado que algo de urgente se devia fazer no sentido da necessária homogenização dos novos elementos que se vinham incorporar ao nosso povo.

Tão sómente em 1918, em resultado da conflagração europeia, sentiu o Governo central que devia voltar as suas vistas para os nucleos de colonização do sul. Mas a reação esboçada não obedeceu a um plano metódico, de ação continua e eficaz, para recuperação do tempo perdido. E o resultado é por demais conhecido.

Não cabem aqui queixas ou recriminações, e se assinalamos o fato é para que se verifique quanto estava por fazer e como a nova política dos ultimos anos deveria defrontar os mais graves problemas organização e da defesa nacional.

Como diz um de nossos eminentes historiadores, o professor Pedro Calmon, fechando um de seus formosos livros sobre a evolução brasileira, "constituíamos (em 1922) um exito positivo, em todos os dominios da atividade de um povo. Entretanto, sobrava a impressão de que tudo estava por fazer — tão grande é o ambito geográfico desta civilização que apenas esboçou as suas tendencias ou diferenciou a sua fisionomia".

Essa impressão ter-se-á alterado, desde então, em todos os dominios da vida brasileira. Mas, se nem tudo estava por fazer, o muito que haveria a fazer, ainda em 1930, era tanto que haveria de parecer quasi tudo...

A NOVA POLÍTICA DE EDUCAÇÃO

E' inegavel que uma nova politica de educação começou a tomar corpo com a revolução de 30. Creou-se um ministério próprio para os serviços do ensino. Medidas de governo estimularam a expansão das rêdes escolares estaduais e municipais. No periodo de 1932 a 1936, as escolas cresceram em mais de um terço, a matricula em proporção ainda maior. A população geral do país, no mesmo quiquenio não aumentou, no entanto, de um decimo. Progresso real, em consequencia, e tanto mais notavel quanto foi maior que o observado em todo o decenio anterior.

Mas o espirito do trabalho educativo não estava claramente definido. A Constituição de 1934 admitia a educação planejada e articulada no sentido das necessidades nacionais, pois que se referia a "um plano nacional de educação" em que o governo da União devesse fixar as diretrizes gerais da educação de todo paiz. Mas essa ideia não chegou a ser transformada em realidade.

Enfim, a Constituição de 1937 viria dar corpo às aspirações de maior unidade política, economia e espiritual da Nação. E não poderia ter esquecido, como não esqueceu, as necessidades educativas do paiz.

Comentando as declarações do Sr. Ministro da Justiça sobre a profunda transformação porque devia passar o paiz, com a instituição de que S. Exa. chamou, nessas declarações, o "Estado Nacional", escrevemos em dezembro de 1937: "O Estado Nacional está feito; façamos agora cidadãos do novo Estado. O que significaria que a instauração de uma nova ordem de coisas, está a exigir como desenvolvimento indispensável, uma larga e profunda obra de educação, animada por forte espirito construtivo. Na verdade, em um Estado em que a organização politico-social coincidissem com o costume da população, considerada como um todo, a manutenção da ordem jurídica seria o unico dever. Não lhe caberia, a rigor, o direito de educar. Pois que, nessa hipótese, as instituições coincidiriam com a "maneira de ser" da população, e o conteúdo da educação a desenvolver-se seria o próprio conteúdo da vida. Quanto muito, neste caso, o Estado poderia interessar-se pelo problema da transmissão da cultura às novas gerações, isto é, pela obra puramente instrutiva da escola. E é o que ocorre e paizes de longa vida unitária e constitucional. Mas, nos paizes em que as instituições, no todo ou em parte, tenham marcado novos rumos — "um dever ser" da massa da população — ao Estado impõe o direito e o dever de educar, afim de que essas instituições se incorporem ao costume ou ao conteúdo natural da vida. Seria negar a evidencia pretender obscurecer que a Constituição de 10 de novembro veio inovar, e de modo profundo, nos quadros da vida politico-social do paiz. Em consequencia, na propria expressão ideal da vida do povo. E' certo que essa inovação deveria ter assento na restauração de valores nacionais indiscutíveis, que estivessem esquecidos ou ameaçados, na sua própria segurança. De outro modo, tentaria reforma inconsistente, pois a consciencia nacional se alimenta de uma história comum, que a situa no tempo e no espaço e que lhe dá sentido. A restauração de valores visou o fortalecimento da Nação, como unidade moral e política, como se verifica logo dos primeiros artigos da nova Carta institucional. Diante deles, não é admissivel assumir atitude de negação ou de ceticismo: êsse valores devem coincidir, no plano social, com os valores mesmos da personalidade, por isso que é por êles e em nome deles

que a vida moral se realiza. Tais são os da tradição nacional, do idioma, da cultura, das crenças, da arte, do território — matéria não opinativa, estranha ao conteúdo de grupos ou partidos — e de que, em o novo regimem, só o Estado Nacional pode compreender-se como depositário. No que toque à restauração ou defesa desses valores, o Estado é, assim, autoritário. E a sua autoridade que, no campo do direito é inherente a esses mesmos valores, projeta-se no domínio da moral para cumprimento da missão educativa que prolongue a Nação no tempo comunhão espiritual”.

Como se vê dessas considerações, em face da Constituição da Republica, a educação ha de estar em função da defesa e da segurança nacional, no seu mais amplo sentido. Pode-se afirmar que toda a politica de educação, e a técnica que a deva servir, deverão estar perfeita consonancia com a politica e a técnica da segurança da Nação.

É uma conclusão que se impõe e que se pode reconhecer em atos inequívocos do Governo.

Ha, nesse particular, uma perfeita identidade de vistas entre o pensamento dos ilustres titulares da Guerra e da Educação, como se verifica de numerosos documentos publicos, em que S. Exas. têm tido oportunidade de manifestar-se a respeito. E seja-nos permitido salientar também a oração pronunciada, não ha muito, pelo Sr. General Inspetor do Ensino do Exercito, por ocasião da distribuição de diplomas aos professores do curso de emergencia de educação física, como ainda, a colaboração direta do Exército, nos trabalhos da Comissão Nacional de Ensino Primário.

Em discurso pronunciado pelo Sr. Ministro da Educação, a 2 de dezembro de 1937, por ocasião do centenário da fundação do Colégio Pedro II, figura este trecho expressivo.

“A educação, no Brasil, tem que colocar-se agora decisivamente ao serviço da Nação.

Sabemos que o Estado tem por função fazer com que a Nação viva, progrida, aumente as suas energias e dilate os limites de seu poder e de sua gloria.

É esta a decisão com que, no Brasil o Estado agora se estrutura e mobiliza os seus instrumentos.

Ora, sendo a educação um dos instrumentos do Estado, seu papel será ficar ao serviço da Nação.